

LIÇÕES DA ESCURIDÃO





ÍNDICE

Apresentação	3
Lição 1 – O Ser humano tinha medo da noite?.....	4
Lição 2 – Nas sombras da noite	10
Lição 3 – A noite, império de satanás	17
Lição 4 – Bruxaria.....	26
Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras	28
Lição 6 – Perigos noturnos: Assaltos e violência	35
Lição 7 – Perigos noturno: Fogo	40
Lição 8 – A casa de um homem é seu castelo.....	47
Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial.....	52
Lição 10 – A noite começa a morrer	62
Lição 11 – Metáforas bíblicas para a luz e trevas.....	69
Lição 12 – Haja luz!.....	76
Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!.....	81



Apresentação

O que a noite já significou para a humanidade? Em um mundo cheio de energia elétrica e luzes que iluminam nossas noites, perdemos a noção de como nossos antepassados encaravam as trevas. Este curso foca nos ritmos do cotidiano, resgatando um universo rico e complexo em que as pessoas passavam quase a metade de suas vidas — um mundo perdido há muito tempo pela revolução industrial, que trouxe uma ideia da noite completamente diferente. Este curso pretende restituir muitos fatos que foram perdidos ou esquecidos. É uma contribuição significativa e notável para a história social, repleta de pesquisas, histórias e novas descobertas.

Gostaríamos de deixar um agradecimento especial à obra do historiador britânico A. Roger Ekirch, que serviu de base para muitas pesquisas deste curso.

Objetivo

Trazer verdades a respeito sobre a escuridão e seu contraste com a luz, desde um contexto histórico como também ao contexto bíblico

Público-alvo

Todas as pessoas que desejam conhecer mais sobre as lições que podem ser tiradas da escuridão.

Duração e carga horária

Determinado pelo aluno. / 40h.

Autor

Dorval Fagundes



Lição 1 – O ser humano tinha medo da noite?

“A noite foi o primeiro mal necessário na vida do homem, o nosso terror mais antigo e mais assustador. Em meio à escuridão, nossos antepassados pré-históricos devem ter sentido um temor crescente e gélido, ainda mais diante da perspectiva de que o sol talvez não raiasse em alguma manhã.”

Em vez de cair, um olhar atento pode confirmar que a noite “sobe”. Emergindo primeiro nos vales, as sombras se erguem lentamente nos paredões das íngremes encostas. Enquanto as pastagens e florestas se perdem em meio à tristeza, o céu do Oeste continua brilhando mesmo depois de o Sol ter descido além da linha do horizonte. Guiado pelo firmamento, o agricultor pode guardar seu arado, pois as sombras cada vez mais profundas apressam sua retirada. Em meio à chegada das galhas e do mugido do gado, coelhos deixam suas tocas. Corujas abrem suas asas sobre um pântano. Seus assobios, semelhantes a conspirações assassinas, inspiram terror em camundongos e homens, ambos ensinados desde a infância a temer esse prenúncio agudo da morte.

À medida que a luz do dia se extingue, a cor da paisagem desaparece. Arbustos se tornam cada vez mais irreconhecíveis, adquirindo tons mestiços de cinza. Ao anoitecer, como dizem os irlandeses, um homem e um arbusto são muito semelhantes, mas a comparação pode ter um tom muito mais ameaçador, de acordo com um antigo provérbio romeno, quando arbustos podem ser confundidos com cães e lobos.

Podemos apenas especular sobre quando um medo essencial da escuridão criou raízes na mente humana. Tendo em vista o terror que deve ter atingido nossos primeiros antepassados, muito provavelmente a mais antiga das ansiedades humanas tem existido desde tempos imemoriais. Alguns psicólogos, no entanto, entendem que os povos pré-históricos, ao invés de naturalmente temerem a escuridão, a princípio temiam perigos específicos, próprios das trevas. À medida que a noite se tornava cada vez mais um sinônimo de perigo e morte, as populações humanas, no intervalo de muitas gerações desenvolveram um terror instintivo em relação à escuridão noturna.

Seja qual for sua origem exata, em todos os lugares e culturas do mundo antigo, demônios enchiam de terror os ares noturnos. Na Babilônia, habitantes do deserto sofriam com as depredações de Lilith, a deusa noturna.



Lição 1 – O ser humano tinha medo da noite?

Os antigos romanos morriam de medo dos voos noturnos de Strix, a bruxa que se transformava em um pássaro rapinante, que predava as entranhas das crianças enquanto dormiam. Já na região que fica a leste de Jerusalém, um “Anjo das Trevas” aterrorizava moradores essênios no ambiente solitário do deserto de Qumran, onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto, na década de 1940.

O Salmo 23 fala do famoso “vale da sombra da morte”. O cristianismo, desde o seu nascimento, reverencia Deus como “a Fonte de luz eterna”. Como primeiro ato de Sua criação, surgiu o dom da luz (Gênesis 1:3), que salvou o mundo do domínio do caos. “E a luz resplandece nas trevas”, declara o apóstolo João em seu evangelho, “e as trevas não a compreenderam”. A Bíblia relata uma sucessão de sinistras “obras das trevas” praticadas na calada da noite, incluindo a traição de Cristo, no jardim do Getsêmani. Depois de Sua crucifixão “houve trevas sobre toda a Terra”. O Dom da luz resgatou o mundo a partir do domínio do caos.

Até mesmo em épocas mais recentes, a noite continuou a inspirar intensa apreensão. Paul Gauguin descobriu no Taiti, por exemplo, que mulheres Kanaka nunca dormiam no escuro. Tão recente quanto o século 20, os Navajos evitavam demônios noturnos, assim como os nativos do Pacífico. Em culturas africanas, em populações Iorubás e Ibos, da Nigéria, e povos pastoris do Daomé e Togo, espíritos assumiam a forma de bruxas durante a noite, espalhando infelicidade e morte em sua esteira.

Não que todas as sociedades, desde o início dos tempos, tivessem repulsa e terror semelhantes em relação à noite. A escuridão despertou mais temores em algumas culturas do que em outras. De acordo com Juvenal, pedestres que perambulassem pelas ruas de Roma após o pôr do sol arriscavam a vida e a integridade física. A capital do Império Romano, no início do segundo século, tinha uma intensa vida noturna. Em Antioquia, escreveu Libânio, residentes “espantavam a tirania do sono” com a ajuda do óleo das lâmpadas.

A princípio, todas as formas e artifícios de iluminação, não apenas as lâmpadas, mas tochas e velas, ajudaram a aliviar as ansiedades noturnas. “Os espíritos malignos não amam o cheiro das lâmpadas”, declarou Platão. Ainda assim, as inovações tecnológicas desempenharam apenas um papel parcial na destruição do medo. As diferenças culturais, sem dúvida, ajudam a explicar, por exemplo, por que alguns povos evitavam compromissos militares durante a noite, enquanto outros não.



Lição 1 – O ser humano tinha medo da noite?

Os vikings pareciam apreciar assaltos noturnos, como as comunidades costeiras europeias infelizmente aprenderam. Ao invés de acesso à iluminação, a exposição constante à escuridão escandinava a cada inverno preparou os nórdicos para afugentar seus terrores. Igualmente gritante era o comportamento das tribos indígenas ao longo da costa leste da América do Norte, quando colonos ingleses enfrentaram sua fúria noturna, séculos mais tarde, na Nova Inglaterra.

Com a chegada da Idade Moderna, o pavor do homem pela escuridão tem, naturalmente, diminuído de modo progressivo, particularmente em sociedades industrializadas, devido à iluminação elétrica, a polícia profissional e à disseminação do racionalismo científico. No entanto, nos séculos anteriores à Revolução Industrial, a noite parecia cheia de ameaças. A escuridão, no princípio da Idade Moderna (a partir do século 15), convocava os piores elementos do homem, da natureza e do cosmos. Assassinos e ladrões, calamidades terríveis e espíritos satânicos se escondiam em todos os lugares.

Neste curso você vai aprender, primeiramente, sobre os perigos e percalços que a noite oferecia aos nossos antepassados que viveram antes da era industrial, quando não existia luz elétrica nem os modernos dispositivos elétricos e eletrônicos que transformam a noite em dia. Aproveite!



Questionário - Lição 1

1) De acordo com o texto, por que a noite “sobe” em vez de “cair”?

- (A) Porque o Sol sobe no horizonte, produzindo sombras nas encostas das montanhas, que vão escurecendo tudo ao redor.
- (B) Porque à medida que o Sol desaparece no horizonte, produz sombras nas encostas das montanhas, que vão escurecendo tudo ao redor.
- (C) Porque o Sol nasce pela manhã, produzindo sombras nas encostas das montanhas, que vão escurecendo tudo ao redor.
- (D) Nenhuma das alternativas

2) Quais são as consequências naturais da chegada da noite em áreas rurais?

- (A) Em meio à chegada das gralhas e do mugido do gado, coelhos deixam suas tocas. Corujas abrem suas asas sobre um pântano[...]À medida que a luz do dia se extingue, a cor da paisagem desaparece. Arbustos se tornam cada vez mais irreconhecíveis, adquirindo tons mestiços de cinza. Ao anoitecer, como dizem os irlandeses, um homem e um arbusto são muito semelhantes, mas a comparação pode ter um tom muito mais ameaçador, de acordo com um antigo provérbio romeno, quando arbustos podem ser confundidos com cães e lobos.
- (B) Em meio à saída das gralhas e do mugido do gado, coelhos entram em suas tocas. Corujas fecham asas e voltam a dormir. À medida que a luz do dia se apaga, a cor da paisagem reaparece. Arbustos se tornam cada vez mais verdes. Ao anoitecer, como dizem os irlandeses, um homem e um arbusto podem ser facilmente distinguidos, e não se parecem nem um pouco com cães e lobos.
- (C) Nada acontece.
- (D) Nenhum a das alternativas.



Questionário - Lição 1

3) Como alguns psicólogos entendem que o ser humano começou a vincular a noite com medo e terror?

(A) Alguns psicólogos entendem que os povos pré-históricos, ao invés de temerem naturalmente a escuridão, temiam a princípio perigos próprios das trevas. À medida que a noite se tornava cada vez mais um sinônimo de perigo e morte, as populações humanas, no intervalo de muitas gerações desenvolveram um terror instintivo em relação à escuridão noturna.

(B) Alguns psicólogos entendem que os povos pré-históricos nunca temeram a escuridão, nem seus perigos específicos. À medida que a noite se tornava cada vez menos ameaçadora, as populações humanas, no intervalo de muitas gerações desenvolveram um terror instintivo, mas sem nenhum sentido, em relação à escuridão noturna.

(C) Medo do bicho "papão"

(D) Nenhuma das alternativas.

4) Cite alguns exemplos de povos e culturas antigas que eram aterrorizados por aparições noturnas.

(A) Os povos sul-americanos, que recebiam a visita de anjos celestiais. Havia também os japoneses, que adoravam a Lua, e os polinésios, que enxergavam textos bíblicos nos céus noturnos.

(B) Os babilônios temiam bichos papões, os romanos adoravam o planeta Júpiter, e o "anjo da luz" visitava os essênios nas cavernas de Qunran.

(C) Na Babilônia, habitantes do deserto sofriam com as depredações de Lilith, a deusa noturna. Os antigos romanos morriam de medo dos voos noturnos de Strix, a bruxa que se transformava em um pássaro rapinante, que predava as entranhas das crianças enquanto dormiam. Já na região que fica a leste de Jerusalém, um "Anjo das Trevas" aterrorizava moradores essênios no ambiente solitário do deserto de Qumran.

(D) Nenhuma das alternativas.



Questionário - Lição 1

5) Como o cristianismo sempre interpretou a dualidade luz-trevas?

(A) O cristianismo, desde o seu nascimento, reverencia Deus como “a Fonte de luz eterna”. Como primeiro ato de Sua criação, surgiu o dom da luz (Gênesis 1:3), que salvou o mundo do domínio do caos. “E a luz resplandece nas trevas”, declara o apóstolo João em seu evangelho, “e as trevas não a compreenderam”.

(B) O cristianismo, desde o seu nascimento, reverencia Deus como “a Fonte de luz eterna”. Como primeiro ato de Sua criação, surgiu o caos da escuridão (Gênesis 1:3), que mergulhou o mundo no domínio das trevas. “E a luz resplandece nas trevas”, declara o apóstolo João em seu evangelho, “e as trevas não a compreenderam”.

(C) O cristianismo, desde o seu nascimento, reverencia Deus como “a Fonte da escuridão eterna”. Como primeiro ato de Sua criação, surgiu a profunda escuridão (Gênesis 1:3). “E a luz resplandece nas trevas”, declara o apóstolo João em seu evangelho, “e as trevas não a compreenderam”.

(D) Nenhuma das alternativas.

1-B, 2-A, 3-A, 4-C, 5-A.



Lição 2 – Nas sombras da noite

Nunca cumprimente um estranho no meio da noite, pois ele pode ser um demônio. — O Talmude

A Idade Média era uma época de visões apocalípticas terríveis. “É algo abominável, pois a própria Escritura fala disso de forma muito clara”, lamentou Jean-Nicholas de Parival, um escritor francês, em 1600.

Carência, doença, morte e condenação

Como as pinturas europeias e a literatura ao longo do século 15 claramente sugerem, o mundo natural parecia tão impiedoso como imprevisível — uma luta perpétua entre os caprichos dos céus e os desejos da Terra.

Os terrores humanos daquela época não eram suspiros nascidos da timidez, mas ansiedades reais provenientes do perigo e da incerteza. “Nossos antepassados”, lembra um jornal de Londres, em 1767, “passavam metade de sua vida se protegendo contra a morte... temiam o fogo, os ladrões e a fome; acumulavam seus ganhos para proteger esposas e filhos, e alguns deles sofriam de terríveis apreensões quanto a seu destino no além”.

Seria difícil exagerar a desconfiança e insegurança criadas pela escuridão. “Ao estarmos na sombra da morte, à noite, nossos perigos são imensos”, observou o autor do “Chamado aos fazendeiros” (Husbandman’s Calling), em 1670.

Assim como o céu diurno brilhava com a luz celestial, a escuridão noturna prenunciava as agonias que aguardam os pecadores após a morte. Muitas vezes comparada ao inferno — ou “noite eterna” —, a escuridão antecipava um submundo de caos e desespero, escuro como piche, repleto de duendes, diabinhos e demônios.

Na verdade, alguns teólogos da época acreditavam que Deus criou a noite para que não esquecêssemos a existência de um inferno. “Semelhante à face do inferno” foi a comparação que um veneziano do século 17 usou para descrever a chegada da noite.

Em tempos passados, a noite arrancava brutalmente de homens e mulheres o mais precioso dos sentidos humanos — a visão. Nenhum dos sentidos irmãos, nem mesmo a audição e o tato, proporcionavam tal controle sobre o meio ambiente.



Lição 2 – Nas sombras da noite

Para comunidades vivendo em pleno século 20 ou 21, a capacidade visual teria sido menos crítica, mas naquelas sociedades tradicionais em que os encontros face a face predominavam tanto em áreas urbanas como em ambientes campestres, a visão era tudo.

A visão dava o poder de medir o caráter e o comportamento de pessoas desconhecidas — aspectos vitais de identidade no mundo pré-industrial. O caminhar e a postura revelavam qualidades interiores, assim como a expressividade dos olhos de alguém. Uma aristocrata polonesa do século 17 declarou: “Quando um camponês, um iletrado ou alguém de má índole quer dizer alguma coisa séria, o que você vê? Ele se contorce, conta nos dedos, mexe na barba, passa a mão no rosto, baixa os olhos e gagueja. Um homem nobre, pelo contrário, tem uma mente clara e uma postura gentil; ele não tem nada de que se envergonhar”.

“Mas à noite”, lamentava o poeta escocês James Thomson, “objetos se confundem; toda beleza desaparece; a distinção é perdida. Amigos são levados aos braços de inimigos, e as sombras encaminham aos fantasmas. Arbustos naturais, sebes e árvores adquirem nova vida. Vemos um arbusto, mas pode ser um bandido”.

A audição também pregava peças. Ruídos despercebidos de dia tornavam-se assustadores à noite. “A noite é mais tranquila do que o dia”, observou o escritor jacobino George Herbert, “e o medo das trevas, unido à tranquilidade noturna, nos faz sentir um suor frio quando um rato corre, uma tábua do assoalho estala, um cão uiva e uma coruja pia.”

De dia, a segurança era encontrada em números. Nas grandes cidades, a “multidão naturalmente guarda e protege as pessoas”, um jornal londrino observou. Após escurecer, com as famílias sendo forçadas a cuidar de si mesmas, privadas do amparo da visão, ameaças ao corpo e à alma se multiplicam por todos os lados.

À noite, visões bizarras e sons estranhos iam e vinham, espalhando ansiedade generalizada em sua esteira. Em algumas noites, estrondos ensurdecedores e música estranha quebravam o silêncio. Na aldeia inglesa interiorana de Wakefield, um inquilino relatou ter ouvido “sons de música e dança”, e na noite seguinte ouviu “toques de pequenos sinos”. O som de “um profundo gemido” também surgiu. Na noite anterior, uma mulher de Ealand (povoado próximo) morrera, e as pessoas foram aterrorizadas por “uma grande variedade de sons de música”. Presságios comuns de má sorte incluíam sons de trovão e piados de coruja.



Lição 2 – Nas sombras da noite

Para as pessoas experientes em maravilhas bíblicas e sabedoria sobrenatural, alterações no céu noturno, que incluíam até mesmo auroras boreais no extremo norte, eram um terrível presságio. “Espantosas atrações permaneceram toda a noite no céu”, registrou George Booth, de Chester, em 1727. “Toda a minha família subiu à janela do sótão, e permaneceu em lágrimas e orações, enquanto os céus cintilavam em uma chama perpétua e ondulante”.

A Lua e os lunáticos

Na maioria das noites claras, embora aparentemente serenas, ainda assim era necessário estar alerta contra outros perigos celestiais. Sendo o mais conhecido dos muitos astros noturnos, era dito que influenciava os ritmos da vida cotidiana. Sendo o vizinho mais próximo da Terra, a Lua, enquanto fonte bem-vinda de luz noturna, supostamente afetava o funcionamento interno do corpo humano, do mesmo modo como mexia com o fluxo das marés.

O “primeiro filósofo” da França, Bernard Le Bovier, de Fontenelle, foi um dos muitos que perpetuou a teoria medieval da importância da Lua para a saúde física: “À medida que atravessa suas fases, [a Lua] exerce uma grande influência para bem ou para mal no desenvolvimento de doenças”.

Tão poderosa era a sua influência, que a lua poderia alterar o teor de umidade dentro do corpo de uma pessoa, incluindo o cérebro, levando, desse modo, alguns indivíduos à “loucura da lua”. É quase certo que o termo “lunático” e a expressão “viver no mundo da Lua”, empregados para se referirem a pessoas com distúrbios mentais ou muito distraídas, tenham se originado dessa crença medieval.

A Lua também impregnava o ar da noite com miasmas pestilentos, universalmente considerados uma ameaça muito grave para a saúde humana. A escuridão significava mais do que a ausência temporária de luz. De acordo com a cosmologia popular, a escuridão noturna realmente trazia, a cada noite, névoas venenosas do céu. Em Herefordshire, um condado [município] inglês, o anoitecer era conhecido como “manto da noite”, como se o mundo fosse envolto por uma nuvem negra. Na verdade, os processos julgados em tribunais escoceses se referiam constantemente a crimes que foram cometidos “sob a névoa noturna”.



Lição 2 – Nas sombras da noite

A escuridão noturna e os miasmas

Febres e resfriados eram apenas as doenças contagiosas mais leves atribuídas às névoas e miasmas noturnos. Ao penetrar os poros da pele, acreditava-se que o ar úmido da noite punha em perigo os órgãos saudáveis. Thomas Dekker escreveu sobre “a espessa névoa reumática e perigosa que contamina o ar da noite”.

Por isso, era provável que homens e mulheres caíssem doentes e até morressem, caso ficassem algum tempo expostos ao ar noturno. Assim, a opinião popular em 1706 atribuiu as mortes noturnas de cinco homens em Hertfordshire [um condado inglês] a “algum miasma pestilento do ar noturno”.

Os temores de contágio eram intensificados pela ideia comum de que doenças pioravam durante a noite. “Toda doença”, escreveu o frade Bartholomaeus Anglicus, “geralmente se intensifica à noite”.

Na verdade, sintomas associados a muitas doenças certamente se intensificavam durante a noite, do mesmo modo como acontece hoje. A maior parte das mortes, como sabemos, é mais tendente a ocorrer nas primeiras horas da manhã, muitas vezes devido a ritmos circadianos próprios desses males — como asma, infartos agudos e acidentes vasculares provocados por coágulos sanguíneos —, que se acentuam por causa da redução do fluxo de sangue para o cérebro durante o sono.

Em geral, ficamos mais vulneráveis quando o “ciclo circadiano do corpo está em seu ponto mais baixo”. Não há nenhuma razão para suspeitar que os ritmos biológicos humanos fossem diferentes há quatrocentos anos. Um problema relacionado é que o sistema imunológico enfraquece enquanto dormimos, enviando menos “células assassinas” para afastar as infecções.

Famílias medievais geralmente culpavam os “perigosos miasmas noturnos” pelas doenças respiratórias. Duas das doenças modernas iniciais mais comuns — gripe e tuberculose pulmonar —, pioram à noite. Muitas pessoas poderiam ter sido salvas da tragédia se tivessem arejado melhor seus quartos durante a noite, especialmente quando os mesmos eram ocupados por vários membros de uma família.



Lição 2 – Nas sombras da noite

A única janela, caso fosse mantida ligeiramente aberta, poderia ter combatido os microrganismos mortais espalhados pela tosse e espirros. O reformador Jonas Hanway, que viveu no final do século 18, escreveu que os pobres, em particular, quando estão doentes, “imaginam que o calor é essencial à cura”. Como consequência, “eles frequentemente se envenenam com seu próprio ar viciado”.





Questionário - Lição 2

1) O provérbio: “Nunca cumprimente um estranho no meio da noite, pois ele pode ser um demônio”, está contido em que livro?

- (A) No livro do imperador Amarelo, na China?
- (B) No livro “A arte da guerra”, do estrategista militar Sun Tzu.
- (C) No Talmude.
- (D) Nenhuma das alternativas.

2) Como as pinturas europeias e a literatura ao longo do século 15 claramente sugerem, como o mundo natural parecia ser para os homens daquela época?

- (A) Um lugar maravilhoso e inocente.
- (B) Parecia um lugar tão impiedoso como imprevisível — uma luta perpétua entre os caprichos dos céus e os desejos da Terra.
- (C) Parecia um lugar totalmente previsível — uma vitória constante do bem sobre o mal.
- (D) Nenhuma das alternativas.

3) Os terrores humanos daquela época não eram suspiros nascidos da timidez, mas ansiedades reais provenientes do perigo e da incerteza. Como um jornal londrino de 1767 expressou isso?

- (A) Nossos antepassados passavam metade de sua vida se protegendo contra a morte... temiam o fogo, os ladrões e a fome; acumulavam seus ganhos para proteger esposas e filhos, e alguns deles sofriam de terríveis apreensões quanto a seu destino no além.
- (B) Nossos antepassados praticamente não se protegiam contra a morte... pois pouco medo tinham do fogo, de ladrões e da fome; andavam sempre muito bem armados.
- (C) Não aconteceu terremoto.
- (D) Nenhuma das alternativas.



Questionário - Lição 2

4) A noite, antes da era pré-industrial, era muitas vezes comparada ao quê?

(A) Muitas vezes comparada ao céu — ou “vida eterna” —, a escuridão antecipava as glórias do além.

(B) Muitas vezes comparada ao caos do Gênesis — ou “confusão” —, a escuridão antecipava a escuridão completa do colapso do Big Bang.

(C) Muitas vezes comparada ao inferno — ou “noite eterna” —, a escuridão antecipava um submundo de caos e desespero, escuro como piche, repleto de duendes, diabinhos e demônios.

(D) Nenhuma das alternativas.

5) De acordo com a visão de alguns teólogos pré-industriais, por que Deus criou a noite?

(A) Para que não esquecêssemos da existência de um inferno.

(B) Para que não nos esquecêssemos da existência do Céu.

(C) Para que não nos esquecêssemos da existência do Hades e do Tártaro.

(D) Nenhuma das alternativas.

1-C, 2-B, 3-A, 4-C, 5-A.



Lição 3 – A noite, o império de satanás

O crepúsculo se aproxima,
A noite vem, qual inverno!
Vamos pedir ajuda a Deus
Para que nos proteja
Dos maus espíritos do inferno!

ANDRZEJ TRZECIESKI, Polônia, 1558.

“A noite”, advertia um provérbio medieval, “pertence aos maus espíritos”. O ambiente negro cheio de sons estranhos e visões horríveis, com seus miasmas e névoas venenosas — era prenúncio certo da existência de hordas de demônios e espíritos maus. O céu noturno era o seu império, e o ar da noite o seu domínio terreno.

Nenhuma dessas entidades malignas era mais temida, é claro, do que o próprio Satanás, o “Príncipe das Trevas”, cuja opressão ficou conhecida por toda parte com a chegada da imprensa e a popularização dos textos dos reformadores protestantes. “Ouve-se diariamente”, escreveu um clérigo alemão em 1532, “dos atos hediondos praticados pelo Diabo. Muitos milhares são feridos de morte; sempre há um navio cheio de gente mergulhando nas profundezas do mar; sempre há uma terra, uma cidade ou aldeia perecendo”.

Ele era tão temido, seja como guardião das chamas eternas que aguardavam os pecadores rebeldes, seja por roubar as almas dos pobres mortais. “Carrasco de Deus”, nas palavras do rei inglês Jaime I (1566-1625).

Tendo naturalmente uma cor negra, Satanás assumia uma série de disfarces inteligentes para vagar à noite, muitas vezes adotando a semelhança de um grande cão negro ou corvo. Apesar dos boatos de que podia aparecer a qualquer hora, acreditava-se que a escuridão da noite era o seu ambiente ideal.

Alguns escritores, como o elisabetano Thomas Nashe e o bispo anglicano Jeremy Taylor, supunham que Deus proibira suas aparições à luz do dia. No entanto, Nashe escreveu que “nosso Criador, para nossa punição, colocou-o como senhor e soberano absoluto das trevas da noite”. “A noite é o ambiente do inferno, o período da supremacia de Satã”, alertava um devocional protestante.

Claramente, a noite era mais adequada às suas intenções. A escuridão noturna se assemelhava ao inferno, a morada eterna de Satanás, onde nuvens de fumaça ardente de enxofre cegavam os olhos e



Lição 3 – A noite, o império de satanás

sufocavam as pessoas. Ao rejeitar a luz da Palavra de Deus, o diabo adotou a escuridão, nos sentidos literal e espiritual.

Por si mesma, a noite ampliava seus poderes e encorajava o seu espírito. Por outro lado, em nenhum outro momento do dia o homem ficava mais vulnerável e indefeso, cego, bem como desamparado e sujeito a ser surpreendido pelas artimanhas infernais. Na verdade, a escuridão tornou-se o reino terrestre de Satanás, um governo sombrio, de onde ele travava uma guerra perpétua contra o reino de Cristo. Seus exércitos incluíam uma hierarquia de demônios, duendes, diabinhos e bruxas, tão reais para as pessoas daquela época como seu líder.

“O Mundo das Trevas”, advertiu o jurista Sir Matthew Hale, em 1693, “às vezes nos angustia com terríveis aparições, fedores abomináveis, sabores repugnantes, ou com outras operações dos anjos satânicos”. Os poderes diabólicos dos demônios eram formidáveis. Aparecendo diante dos homens “sob várias formas”, comentou o pastor calvinista James Calphill, eles “nos aterrorizam quando acordamos à noite; perturbam nosso sono com pesadelos, puxam nossos membros; tiram nossa saúde, afligindo-nos com doenças.”

Do mesmo modo que no restante da Europa, a topografia de quase todo vilarejo britânico era carregada de importância sobrenatural. Líderes locais advertiam os moradores quanto a inúmeros lugares que tivessem um nome vinculado ao Príncipe das Trevas. Assim, na “Caverna do Diabo” — uma região do condado escocês de Tannadice —, era bem conhecido que, em certa feita, Satanás “dera algumas demonstrações notáveis de sua presença e poder”. Tal era a fama de seu poder que, em uma aldeia de Essex (um condado britânico) ele derrubou durante a noite uma torre da igreja que os paroquianos ergueram no dia anterior. Apesar da oferta de um rico cavaleiro local para comprar materiais novos para a construção, ninguém se arriscou a reconstruir a torre. Diferente de casas assombradas, locais demoníacos incluíam lagoas, florestas e cemitérios à noite. “Esses lugares são tão assustadores à noite”, revelou o advogado francês Pierre Le Loyer em 1605.

Mesmo que as autoridades religiosas falassem dos demônios de forma geral, eles assumiam identidades distintas na mente popular. Especialmente nas áreas rurais, os moradores estavam dolorosamente familiarizados com a maldade dos espíritos locais. Entre os mais comuns estavam as fadas. Descritas de várias formas, como fantasmas ou anjos caídos, acreditava-se que algumas fadas eram boas, enquanto outras



Lição 3 – A noite, o império de satanás

atacavam o gado, lavouras e até mesmo crianças pequenas. “As pessoas honestas”, se acreditarmos em um visitante do País de Gales, “são apavoradas por esses pequenos seres”.

Nenhuma parte do mundo pré-industrial estava a salvo das muitas variedades de fadas, espíritos, elfos ou duendes, como eram conhecidos. Um tipo extremamente malicioso de espírito, os kelpies, que lembravam a forma de cavalos, assombravam rios e pântanos da Escócia, afogando pessoas. Os poderes desses diabinhos superavam de longe seu tamanho diminuto. “Quando maltratados”, escreveu um viajante da Westphalia, “esses poderosos espíritos são cruelmente vingativos, e mutilam e matam quem quer que apareça à sua frente.”

Almas “desencarnadas”

Igualmente famosos eram os espíritos desencarnados dos mortos. Conhecidos como “almas penadas”, “aparições” ou “visagens”, esses fantasmas supostamente assumiam suas antigas formas mortais à noite. Em outras noites, eles eram conhecidos por se vestirem de branco e assumir formas animais. Por ter-lhes sido negada a entrada à luz de Deus, segundo a tradição cristã medieval, eles quase sempre apareciam depois do anoitecer.

“O Senhor deu o dia para os vivos”, observou Thietmar de Merseburg, “mas a noite para os mortos”. Algumas almas inquietas tinham sido vítimas de uma morte instantânea. Já outras eram suicidas condenados a vagar eternamente. Vez por outra, espectros visitavam bairros antigos onde tinham vivido suas vidas mortais. Em 1718, James Withey, de Trowbridge, Inglaterra, testemunhou por duas vezes o fantasma de uma namorada falecida, a quem abandonara.

Fantasmas afligiam numerosas comunidades, em alguns casos, por vezes seguidas. Lugares comuns de aparições incluíam encruzilhadas, que eram locais frequentes para o sepultamento de suicidas. Após o suicídio de um tecelão em Exeter, em 1726, ele apareceu a muitos em uma encruzilhada. “É certo”, relatou um jornal, “que uma jovem de seu bairro estava tão assustada e aterrorizada por tê-lo visto”, que morreu dentro de dois dias. Às vezes nenhum lugar parecia seguro.

Outros habitantes do mundo da noite incluíam os banshees ou “almas penadas” na Irlanda, cujos gritos sinistros prenunciavam morte iminente. Mas isso não era tudo; havia também as lavadeiras francesas que afogavam os transeuntes que se recusavam ajudá-las.



Lição 3 – A noite, o império de satanás

Outras criaturas sobrenaturais famosas eram os vampiros da Hungria e da Romênia, que sugavam o sangue de suas vítimas. Tão recente quanto 1755, as autoridades de uma pequena cidade do interior da Romênia exumavam corpos de supostos vampiros, a fim de perfurar seus corações e cortar suas cabeças antes de entregarem os cadáveres às chamas. Durante os séculos 16 e 17, relatos de lobisomens enchiam grande parte da Europa Central e regiões da França ao longo da fronteira com a Suíça. O cirurgião Johann Dietz testemunhou uma multidão de aldeões, na cidade alemã de Itzehoe, perseguir um lobisomem com lanças e estacas. Até mesmo Paris sofreu ataques esporádicos. Em 1683, um lobisomem na estrada de Notre Dame supostamente atacou uma solenidade religiosa da qual participavam vários sacerdotes.





Questionário - Lição 3

1) De acordo com a poesia do polonês ANDRZEJ TRZECIESKI sobre a noite, O crepúsculo se aproxima/ A noite vem, qual inverno!... Complete os versos escolhendo a opção correta:

- (A) Vamos pedir ajuda a Deus/ Para que nos proteja/ Dos crepúsculos do inferno!
- (B) Vamos pedir ajuda a Deus/ Para que nos proteja/ Dos maus espíritos do inferno!
- (C) Vamos pedir ajuda a Deus/ Para que nos proteja/ Dos maus espíritos do inverno!
- (D) Nenhuma das alternativas.

2) Qual era a entidade maligna mais temida da noite medieval?

- (A) O boitatá
- (B) O curupira
- (C) Satanás, o Príncipe das Trevas
- (D) O capiroto.

3) De acordo com a opinião popular, que animais serviam para Satanás assumir sua aparência

- (A) Uma pomba branca e um musaranho
- (B) Um corvo ou um cachorro negro
- (C) Um gato preto ou uma coruja de olhos de fogo
- (D) Nenhuma das alternativas.

4) De acordo com a opinião de Thomas Nashe

- (A) Nosso Criador, para nossa punição, colocou-o (a Satanás) como senhor e soberano absoluto das trevas da noite.
- (B) Nosso Criador, para nossa bênção, colocou o diabo longe de nossas vistas.
- (C) Nosso Criador, para nossa punição, colocou o diabo como senhor e soberano absoluto da luz do dia.
- (D) Nenhuma das alternativas.



Questionário - Lição 3

5) Por que a noite era mais adequada às intenções satânicas, de acordo com as crenças populares?

(A) Porque a escuridão noturna se assemelhava ao caos de Gênesis, a morada das águas, onde nuvens de vapor subiam e desciam.

(B) Porque a escuridão noturna se assemelhava ao inferno, a morada eterna de Satanás, onde nuvens de fumaça ardente de enxofre cegavam os olhos e sufocavam as pessoas.

(C) Porque a escuridão noturna se assemelhava descanso final de todos os que creem em Deus.

(D) Nenhuma das alternativas.

1-B, 2-C, 3-B, 4-A, 5-B.



Lição 4 – Bruxaria

“Uma bruxa não deve sentir medo na floresta mais escura, porque ela deve ter plena certeza de que a coisa mais terrível na floresta é ela mesma.”

— Terry Pratchett, Wintersmith

As bruxas, em grande parte da cristandade, representaram a ameaça mais grave durante o início da Era Moderna, que levou a uma caçada por sua completa aniquilação. Logo em seguida à primeira onda de pânico, em 1400, algumas partes da Europa Ocidental, principalmente Itália, Espanha e Portugal, escaparam das ondas de julgamentos e execuções que se espalharam durante os séculos 16 e 17.

As caçadas foram mais intensas no sudoeste da Alemanha, na Suíça, na França e na Escócia. Na Inglaterra, onde a bruxaria se tornou um crime capital em 1542, o condado de Essex experimentou níveis bastante altos de acusação durante a segunda metade do século 16, culminando em quase 200 execuções em um único ano. Não há uma forma de contar o número total de europeus condenados à morte por bruxaria. Somente no século 17, mais de 30 000 podem ter perdido suas vidas.

A julgar por relatos contemporâneos, o suspeito mais comum era uma mulher solteira, pobre, que vivia à margem da sociedade. Além de ser necessitada, ela também era considerada vingativa. “Essas miseráveis desgraçadas”, escreveu Reginald Scot, em 1584, “são tão odiosas aos seus vizinhos, e tão temidas que poucos ousam ofendê-las ou negar a elas alguma coisa que pedem.”

Plantações, gado e até mesmo o tempo não estava imune à sua maldade. Em Amsterdã, uma empregada relatou ter sido atacada com tijolos em uma noite por quatro mulheres estranhamente vestidas. “O rosto delas se parecia com o de moscas”, dizia.

A partir do início da Idade Moderna, a figura de Satanás assumiu uma postura mais ameaçadora. Deixando de ser apenas o chefe do inferno, que não tinha contato com o mundo secular, conforme explicado pela teologia católica, o diabo passou a ser visto por teólogos protestantes como um poderoso adversário na luta entre o bem e o mal.

Na lista de entidades a serviço de Satanás estavam vastas hordas de criaturas, dentre elas, bruxas, tendo cada uma feito um pacto solene com o Príncipe das Trevas. Armadas com amplos poderes, elas



Lição 4 – Bruxaria

supostamente se reuniam para adorar o demônio em festivais noturnos inicialmente chamados de “sinagogas” e depois “sabás”. Além de ensinarem perversões sexuais e ritos diabólicos, elas devoravam crianças pequenas, cuja carne lhes dava o poder de voar. Em Aix, sul da França, em 1610, uma suspeita acusada de bruxaria relatou o que ocorria nos temidos sabás:

“Às vezes, comia-se a carne tenra de crianças pequenas, que eram mortas e assadas, e às vezes bebês eram raptados e levados para lá ainda vivos.”

Na Inglaterra, Holanda e partes da Escandinávia, a ansiedade popular com respeito aos sabás noturnos nunca cresceu de modo generalizado. Por inúmeras razões, as bruxas continuaram a ser responsabilizadas por atos de maldade pessoal, mais do que por esquemas demoníacos. Mas, aos olhos ingleses, as bruxas ainda eram agentes de Satanás, e como tal, muito temidas. Um historiador brincou: “Na Inglaterra, bruxas eram enforcadas, enquanto que no continente eram queimadas”. O enforcamento era a pena mais comum para crimes que envolviam magia negra e satanismo, e a queima na fogueira era mais usada contra heresias.

Como a obsessão europeia por bruxas pode ser explicada? Embora os estudos tenham enfatizado condições peculiares aos locais onde a caça às bruxas explodiu, várias tendências radicais têm recebido atenção, incluindo conflitos religiosos, mudanças na legislação e o nascimento da imprensa. Em muitos aspectos, essas sociedades viviam em meio a mudanças rápidas e assustadoras, como o fim da ordem feudal.

Especialmente depois do século 15, guerras, fomes, desastres naturais e doenças só intensificaram os sentimentos de angústia das famílias que lutavam contra seus infortúnios. Mais impotentes do que nunca e menos capazes de decidir o próprio destino, homens e mulheres cada vez mais buscavam bodes expiatórios para suas desgraças, culpando Satanás e seus adeptos, tais como as bruxas, muitas das quais eram mulheres pobres destituídas do mínimo para sua sobrevivência. Apanhadas nas garras do desespero, comunidades pós-medievais jogaram suas ansiedades sobre os membros mais vulneráveis da sociedade.

Sobre a fome generalizada na Polônia, no século 16, uma pessoa observou em 1737: “Essa calamidade mergulhou os espíritos das pessoas



Lição 4 – Bruxaria

em profunda depressão, que as levou a ver fantasmas e aparições de mortos nas ruas à noite, dizendo que essas manifestações matam todos que tocam ou com quem supostamente falam “. Obviamente era em plena noite, quando as pessoas se sentiam profundamente vulneráveis, que os “espíritos malignos” mais frequentemente apareciam.





Questionário - Lição 4

- 1) Por que uma bruxa não devia sentir medo na floresta mais escura?
- (A) Porque ela deve ter plena certeza de que a coisa mais terrível na floresta é a escuridão.
 - (B) Porque ela deve ter plena certeza de que a coisa mais terrível na floresta é o espírito dos duendes.
 - (C) Porque ela deve ter plena certeza de que a coisa mais terrível na floresta é ela mesma.
 - (D) Nenhuma das alternativas.
- 2) Quais regiões da Europa Ocidental escaparam das ondas de julgamentos e execuções contra as bruxas que se espalharam durante os séculos 16 e 17?
- (A) Poucas regiões, principalmente França, Estados Unidos e Portugal.
 - (B) Poucas regiões, principalmente Itália, Mauritânia e Portugal.
 - (C) Poucas regiões, principalmente Itália, Espanha e Portugal.
 - (D) Nenhuma das alternativas.
- 3) Apenas no século 17, qual é o número aproximado de pessoas que morreram vítimas de acusação de bruxaria?
- (A) Mais de 30 000.
 - (B) Mais de 60 000.
 - (C) Mais de 1 000 000.
 - (D) Mais de 1 000 000 000



Questionário - Lição 4

4) Por que as bruxas da Inglaterra eram enforcadas, enquanto que no continente europeu eram queimadas?

(A) O enforcamento era o castigo mais comum para crimes de roubo e assassinato, e a queima na fogueira era mais usada contra satanismo e feitiçaria.

(B) O enforcamento era a pena mais comum para crimes que envolviam magia negra e satanismo, e a queima na fogueira era mais usada contra heresias.

(C) O enforcamento era a pena mais comum para crimes de tráfico, e a queima na fogueira era mais usada contra bruxas.

(D) Porque na Inglaterra as bruxas não queimavam.

5) Segundo a crença popular, o que acontecia nos sabás — festivais noturnos de adoração ao demônio?

(A) Às vezes, cozinhava-se a carne tenra de crianças pequenas, que eram usadas para restaurar a saúde de pessoas idosas.

(B) Às vezes, curavam-se crianças pequenas doentes, que eram raptadas dos pais e levadas para lá ainda vivas.

(C) Às vezes, comia-se a carne tenra de crianças pequenas, que eram mortas e assadas, e às vezes bebês eram raptados e levados para lá ainda vivos.

(D) Faziam a fogueira santa.

1-C, 2-C, 3-A, 4-B, 5-C.



Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras

“Eu não tenho medo da morte; só não quero estar lá quando isso acontecer”. — Woody Allen.

“Beba menos e vá para casa à luz do dia.” — Provérbio inglês.

O que as pessoas, em seu terror, consideravam ser espíritos malignos, muitas vezes surgiam na forma de dificuldades próprias do escuro. No campo, afogamentos, carruagens capotadas e quedas inesperadas provavelmente estavam por trás de muitos encontros com o sobrenatural. “Pixy o levou” era um ditado inglês usado para desastres noturnos. “Quando o medo, a visão fraca e os sentidos do homem se combinam para enganá-lo”, escreveu Taillepiéd, “ele pode se deparar com qualquer aparição, por mais estranha que pareça.”

A má visibilidade à noite, aliada ao terreno perigoso, era uma fórmula para o desastre. “Inúmeras vezes”, observou o escritor do século 17, Isaac Watts, “viajantes são enganados pelas sombras da noite”. Para piorar as coisas, os seres humanos são menos capazes de lidar com tarefas físicas e mentais tarde da noite, não só por falta de sono, mas também por causa de mudanças na química do corpo.

O estado de alerta e os reflexos normalmente se deterioram. Ao ignorar os “comandos” da natureza para dormir, o filósofo florentino Marsilio Ficino observou que “um homem, sem dúvida, luta tanto com a ordem do universo e, sobretudo, consigo mesmo “. Viajantes caminhando em uma noite escura poderiam ser enganados pela configuração da terra, tropeçar em uma vala ou cair em um precipício. Em Aberdeenshire, uma menina de 15 anos morreu, em 1739, após ter pegado um atalho por dentro de um cemitério e caído em uma sepultura recém-aberta.

O morador de Yorkshire, Arthur Jessop, voltando da casa de um vizinho em uma fria noite de dezembro, caiu em um poço de pedra que estava coberto de neve. “Estava extremamente escuro”, Jessop anotou em seu diário, de onde ainda conseguiu escrever alguma coisa aleatoriamente na escuridão. Com uma perna e as costas feridas, ele lutou em vão contra o frio por muitas horas, mas não resistiu.

Às vezes, a paisagem natural engolia suas vítimas sem deixar rastros, como no desaparecimento misterioso de um homem de Wakefield, James Wilkinson, que estava a caminho de casa em 1682.



Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras

Ansioso para beber vários copos de cerveja, ele ignorou o conselho de um amigo para “atravessar o pântano antes do anoitecer”. Wilkinson jamais chegou ao seu destino. Semanas de busca “ao longo de todo o lodaçal e a várzea, e por dentro do rio”, relatou o reverendo Heywood, “não deram em nada”.

Não pode haver dúvida de que o álcool muitas vezes contribuía para acidentes. Disponíveis em todas as horas, seja para trabalho, seja para lazer, cerveja e vinho fluíam livremente em tavernas e residências particulares. Apesar da despesa, o consumo diário de cerveja era particularmente alto na Inglaterra entre as classes baixa e média, incluindo as crianças. Com base numa pesquisa parcial de 1577, uma estimativa aponta a existência de cerca de 24 000 cervejarias no país, ou aproximadamente uma para cada 140 habitantes. Além disso, a cerveja, em ambos os lados do Atlântico, tornou-se progressivamente mais barata e saborosa. Um jornal da Nova Inglaterra, EUA, em 1736, publicou uma lista com mais de 200 sinônimos para a embriaguez, entre os quais “não-chega-em-casa” e “o duas-luas” para descrever pessoas atrapalhadas em seu retorno ao lar no final da noite.

Na época, como agora, as pessoas acordadas naquelas horas estavam mais sujeitas à intoxicação. Entre 22h00min e 08h00min, de acordo com uma pesquisa clínica, o estômago e fígado metabolizam o álcool mais lentamente do que em qualquer outro horário, o que o faz permanecer mais tempo dentro do corpo, confundindo o cérebro. Então, não é surpresa que, com a visão e a atenção diminuídas, incidentes por vezes catastróficos seguissem de perto as pegadas dos que se aventassem a beber até tarde da noite.

Um homem chamado Cary, a caminho de Manchester, em 1635, parou em uma cervejaria para beber com os amigos. Finalmente, quando se recusou beber mais pints oferecidos pela anfitriã, ele “jurou ter bebido 30 pints naquela noite”, e após ter parado em outra cervejaria, caiu em um poço e se afogou enquanto voltava para casa.

Além de pescoços quebrados, algumas vítimas morriam da exposição ao frio após desmaiar por coma alcoólico. Em Derby, um trabalhador bêbado roncava tão alto após ter caído à beira de uma estrada, que foi confundido com um cachorro louco, e foi chutado.



Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras

A situação das cidades

Não menos perigoso do que a zona rural eram as ruas de cidades pré-industriais. Em 1700, Londres, a metrópole inglesa, que ostentava uma população de 575 000, superou todos os centros populosos da Europa. Até então, a urbanização em grande escala já havia transformado grande parte da Europa continental, desde a península italiana até a Escandinávia. O interior da maioria das cidades e vilas se assemelhava a um emaranhado de ruas estreitas e becos apertados, sinuosos e escuros. Fachadas superiores, projetando-se sobre as ruas abaixo, impediam a luz, tanto do Sol como da Lua. Já em 1600, edifícios em Amsterdã se erguiam a quatro andares de altura.

Na ausência de lâmpadas públicas, a escuridão reinava suprema. Na maioria das ruas, antes do final de 1600, a luz doméstica e os lampiões dos pedestres eram as únicas fontes de iluminação artificial. Assim, os rios Tâmis e Sena ceifaram inúmeras vidas devido a quedas de cais e de pontes, assim como o canal Leidsegracht, em Amsterdã, e o Grande Canal de Veneza. Homens e mulheres evitavam cocheiros e carroças de movimento rápido, pois muitas vezes não se conseguia gritar um aviso a tempo.

Só o flash repentino de um relâmpago, numa noite “muito escura” de agosto de 1693, evitou que o comerciante Samuel Jeake caísse sobre uma pilha de madeira em meio a uma rua próxima à sua casa em Sussex. As ruas continham um labirinto de valas para a canalização de esgoto e águas pluviais que corriam para o subsolo, ou com vias mais largas ladeadas por calhas.

Em 1720, a duquesa de Orleans ficou espantada pelo fato de Paris não estar repleta com a urina de homens que se aliviavam nas ruas, cheias de esterco de gado e de cavalos. Valas com mais de um metro de profundidade espreitavam o caminhante ingênuo. “Toda a minha preocupação é manter-me afastado das valas”, escreveu um morador da cidade sobre seus passeios à meia-noite. Drenagem deficiente transformou algumas ruas em armadilhas mortais.

Mais conhecidos eram os banhos de urina e excrementos que eram jogados nas ruas à noite, de janelas e portas abertas. O esvaziamento de



Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras

“penicos de urina” era um perigo comum. Sofrendo de superlotação populacional e instalações de esgotos inadequadas, muitas cidades e vilas, algumas mesmo em 1700, parecem ter tolerado a prática, pelo menos implicitamente.

Em Madrid, um residente comentou no século 17: “Calcula-se que as ruas são perfumadas a cada dia com mais de 10 000 bostas”. Lisboa, Florença e Veneza tinham péssimas reputações, mas os moradores de Edimburgo, Escócia, alcançaram o pior índice de ruas transformadas em esgotos. Daniel Defoe relatou que edifícios altos e superlotados só podiam esvaziar seus excrementos pelas janelas após as 22h00min, depois do rufar de um tambor, e podiam jogar o conteúdo de seus penicos depois de gritarem pela janela: “Cuidado com a água!”, para que os transeuntes não fossem pegos de surpresa. Em Marselha, os moradores eram obrigados a dar três advertências, mas em Avignon, nas proximidades, a conta ficou com os pedestres, que tinham de gritar: “Atenção! Atenção!”, enquanto caminhavam pelas ruas, à noite.

Na escuridão noturna, nem mesmo um lar era um lugar seguro contra acidentes. Na ausência de luz, portas abertas, escadarias e lareiras tornavam-se armadilhas mortais, especialmente para quem era propenso a beber. Em 1675, um médico de Lancashire, estando “cheio de bebida”, ficou gravemente queimado depois de cair de costas em uma lareira. A nova empregada de Pepys Luce, ainda não familiarizada com a casa, quase rachou seu crânio à noite, após cair em um lance de escadas.

Muitas pessoas caíam em poços. Fazia pouca diferença o fato de estarem secos ou cheios de água, desde que fossem profundos o suficiente. Em uma noite de inverno de 1725, um homem bêbado tropeçou no quintal de sua casa, em Londres, e caiu em um poço apenas para morrer vítima de seus ferimentos, pois o vizinho ignorou seus gritos de socorro, temendo ser um demônio, pois a profundidade do poço dava um tom assustador aos gritos.

De acordo com relatórios de legistas, mulheres e criados eram particularmente vulneráveis a quedas à noite, quando iam buscar água. Mais incomum foi o triste destino de uma menina de cinco anos de idade, em 1649, na Nova Inglaterra, EUA. Enquanto seus pais estavam na casa de um vizinho, ela se levantou de sua cama apenas para cair através de



Lição 5 – A escuridão e as mortes traiçoeiras

uma abertura diretamente para o porão, onde havia um poço, para onde deslizou e morreu afogada. Dizia um ditado: “A noite é amiga de ninguém”.

Pelo menos na Inglaterra, as pessoas comuns não se preocupavam com um inimigo tradicional a cada noite. Os animais selvagens, com exceção de uma raposa ocasional, não atormentavam mais as famílias do interior e seus rebanhos. Ursos e lobos, que uma vez vaguearam pelo campo, tinham sido dizimados desde o final da Idade Média. Por outro lado, grande parte da Europa continental, enquanto cada vez mais agrícola, ainda continha florestas como a de Ardenes, habitada por uma variedade de predadores selvagens, assim como a costa leste da América do Norte, onde os lobos eram uma fonte diária de preocupação para os colonos ingleses.

No entanto, mesmo a tranquila paisagem inglesa ainda ocultava pragas noturnas. Corujas, morcegos e sapos geravam diferentes graus de apreensão e eram vinculados, inevitavelmente, ao Diabo. Mas, como a maioria das pessoas entendia, a ameaça direta desses animais representava quase nada em comparação com a de outros perigos noturnos, incluindo o próprio homem, que na maioria das noites representava a maior ameaça de todas à vida e à integridade física. A Inglaterra pré-industrial poderia estar desprovida de lobos, mas como dizia um provérbio inglês, “um homem é muitas vezes um lobo em relação ao próximo”.



Questionário - Lição 5

1) O que estava, na verdade, por trás de muitos “encontros com o sobrenatural”?

- (A) No campo, visões, aparições e espíritos maus de pessoas falecidas.
- (B) No campo, afogamentos, carruagens capotadas e quedas inesperadas.
- (C) No campo, afogamentos, aparições de duendes e diabinhos disfarçados.
- (D) Nenhuma das alternativas.

2) Quais eram os perigos reais mais comuns a que viajantes noturnos estavam expostos na era pré-industrial?

- (A) Queda em precipícios, em valas abertas e em poços, além da maldade humana e encontro com animais selvagens perigosos.
- (B) Encontros com entidades sobrenaturais.
- (C) Encontros com elfos, fadas e magos encantados.
- (D) Nenhuma das alternativas.

3) Por que o álcool muitas vezes contribuía para acidentes?

- (A) Raramente disponíveis, cerveja e vinho só eram permitidos aos domingos. Por isso, o álcool não era tão influente para provocar incidentes.
- (B) Naquela época havia “lei seca”, ou seja, cerveja e vinho eram proibidos para o consumo.
- (C) Disponíveis em todas as horas, seja para trabalho, seja para lazer, cerveja e vinho fluíam livremente em tavernas e residências particulares. Apesar da despesa, o consumo diário de cerveja era particularmente alto na Inglaterra entre as classes baixa e média, incluindo as crianças.
- (D) Nenhuma das alternativas.



Questionário - Lição 5

4) Com base numa pesquisa parcial de 1577, quantas cervejarias provavelmente existiam na Inglaterra do século 16?

- (A) Cerca de 24 000
- (B) Cerca de 1 000
- (C) Cerca de 10 000
- (D) Cerca de 80 000

5) Cite 2 sinônimos do século 18 para a embriaguez humana.

- (A) "Quatro olhos" e "pinga-fogo"
- (B) "Não-chega-em-casa" e "duas-luas"
- (C) "Passa-quatro" e "Pedro Bó"
- (D) "Mais ou menos" e "fique tranquilo"

1-B, 2-A, 3-C, 4-A, 5-B.



Lição 6 – Perigos noturnos: assaltos e violência

As pessoas boas amam o dia, porém, as más amam a noite. — Provérbio francês.

“Pode-se resguardar do diabo, mas não do homem”, declarou o escritor dinamarquês Ludvig Baron Holberg.

Como se a paisagem noturna não fosse perigosa o bastante, maiores sofrimentos podiam ser infligidos por mãos mortais. Nem maus espíritos, nem incidentes naturais deram origem ao terror crônico criado pela maldade humana. Thomas Hobbes, que temia ficar deitado sozinho à noite, afirmou não sentir “medo de maus espíritos e duendes, mas temia que sua cabeça fosse esmagada por cinco ou dez libras”.

Era à noite, de acordo com o pensamento popular, que o crime representava a maior ameaça. Ao escurecer, patifes e canalhas, como bandos de animais selvagens, saíam de suas tocas em busca de “carne fresca”. “Gatos de la noche” (gatos da noite) era um apelido espanhol para os ladrões. “A noite oferece a sombra mais conveniente para as obras da escuridão”, escreveu Samuel Rowlands, sobre os malfeitores, em 1620. Era um termo empregado, literal e metaforicamente, para descrever atos criminosos.

Na Inglaterra, já no reinado de Eduardo I (1239-1307), o Estatuto de Winchester, de 1285, autorizou a prisão de pessoas suspeitas durante a noite. Em Northamptonshire, John Key, de Brigstock, por exemplo, foi acusado de “vaguear à noite pelas ruas e áreas comuns, com o prejuízo de todos os seus vizinhos, sendo um exemplo perigoso para os outros”.

Notívago, um termo latino cunhado para tais vilões durante a Idade Média, deu lugar, em 1500, ao “nightwalker” (caminhante noturno) na Inglaterra. “Vadios da noite” era o seu apelido em Paris, e “caminhantes da noite” na Itália. Um autor londrino, em 1659, escreveu sobre os nightwalkers como “companheiros ociosos que costumam dormir durante o dia e caminhar à noite, sendo suspeitos de usar de meios desonestos”.

Até então, era mais que evidente que apenas suspeitos percorriam o campo à noite, e pelo menos, nos arredores de Londres, a denominação de “nightwalker” se adequava cada vez menos às prostitutas.

Na maioria das noites, malfeitores adoravam oportunidades para ganhos ilícitos com risco mínimo.



Lição 6 – Perigos noturnos: assaltos e violência

“A primeira pessoa que eu encontrar resistirá e morrerá, ou há de se entregar, pois é noite escura, e vou fazer uso dessa vantagem.” — Philip Thomas, 1727.

Crimes, no início da era moderna, variavam muito em tipo, frequência e localização. Um único município, condado ou região podia experimentar níveis de malignidade bastante diferentes das regiões vizinhas, dependendo do crescimento urbano, normas culturais, e distribuição das classes sociais. Duas conclusões, no entanto, são inevitáveis. Alimentado pela pobreza crônica, o crime representava uma preocupação constante na maior parte do mundo ocidental, exceto nas colonizações recentes da América, onde boa parte dos viajantes europeus ficava maravilhada com o nível de segurança pessoal.

Na Europa, infrações tipicamente incluíam não apenas os crimes contra a propriedade, como furtos e roubos, mas também assaltos, homicídios e outros atos cruéis. Além disso, como acontece com muitos perigos, o crime aumentava em magnitude e violência na calada da noite.

“À noite”, afirmou Isaac Watts, “estamos expostos, aqui na Terra, à violência e ameaça dos homens maus, dentro ou fora de casa.”

Muitas vezes, de fato, para a intimidação, as vítimas eram brutalmente espancadas antes de serem condenadas à morte por pistolas, porretes e adagas; e enquanto as quadrilhas eram incomuns, muitos ladrões agiam sozinhos. Raramente eles apresentavam o comportamento cortês e gentil que os filmes de Hollywood retratam.

Em algumas cidades, os ladrões derrubavam suas vítimas, que andavam a pé ou a cavalo, esticando cordas em trilhas e estradas escuras. No final do século 16, os pedestres em Viena ou Madri raramente se sentiam seguros à noite. Um residente escreveu que “difícilmente se passa uma noite sem que algum corpo seja encontrado”.

Nem mesmo o campo era livre da praga dos ladrões. Muitas vezes a pé, rondavam estradas ligando cidades e vilas para o interior, assobiando um para o outro na escuridão. Fora de Londres, bandidos ficaram famosos por derrubar cavaleiros de suas montarias com longas varas. Mesmo na América colonial, os viajantes eram, por vezes, obrigados a tomar rotas traiçoeiras.



Lição 6 – Perigos noturnos: assaltos e violência

Nos arredores de Filadélfia, no norte de Delaware, um viajante amedrontado refugiou-se em uma casa particular, passando a noite acordado. “Essa parte do país é pouco habitada”, observou John Fontaine, “e as poucas pessoas que moram aqui, vivem de roubar todos os viajantes”. Mais perigosas ainda eram as estradas do continente europeu, onde o medo de assaltos noturnos acompanhava cada viajante. O campo, com as suas florestas densas, era infestado de bandidos. Muitos deles eram endurecidos veteranos de conflitos militares. Famosos por matar suas vítimas, bandidos também incluíam vadios e desertores.

Na França, afirmou um viajante: “Se você for roubado na estrada, perde tanto o seu dinheiro quanto sua vida”. Em todos os lugares, malfeitores avidamente tiravam vantagem da noite. “À noite eu preciso obter mais dinheiro”, Dennes Brannam declarou a um cúmplice em Londres, em 1750, o qual afundava o crânio de suas vítimas com um martelo antes de arrancar-lhes suas bolsas.

Além dessas ameaças a cada noite, o pior de tudo era o medo de que sua casa fosse invadida por assaltantes. Todas as noites, as famílias se isolavam no abrigo de seus lares, cuja santidade estava acima de qualquer coisa. Além de proteção contra frio, chuva e animais ferozes, a casa fornecia um refúgio contra os perigos e a desordem humana. Roubos à noite eram tão frequentes que o jurista Sir Edward Coke dizia: “Quando a escuridão vem e luz do dia é passada, você não pode discernir o rosto de um homem”.

Muitos assaltantes operavam com gangues profissionais, e entravam em ação quando as pessoas estavam vulneráveis, desarmadas pelo sono. Alguns bandidos, conhecidos como “manchas negras”, se escondiam sorrateiramente na casa durante o dia, geralmente debaixo de camas, até que as famílias se recolhessem. “A morte chega dormindo”, era gíria de rua para indicar um ataque de ladrões. Cada porta mal trancada à noite oferecia um convite ao ladrão. Grandes casas se tornavam alvos tentadores, tanto por causa de suas muitas portas, quanto por suas posses. “Minha casa é bem perigosa”, Sir Pepys lamentou, “porque há muitas maneiras de invadi-la”.

Nunca houve qualquer garantia de que a violência e truculência não ocorreriam, principalmente quando as famílias despertavam



Lição 6 – Perigos noturnos: assaltos e violência

assustadas para enfrentar intrusos. Nem todos os patifes entravam facilmente, a não ser que conseguissem abrir fechaduras, uma habilidade apelidada de “arte negra”. Como sugere o termo “arrombamento”, portas podem ser forçadas e venezianas quebradas. Mesmo sob o risco de execução, no caso de flagrante, roubos à propriedade atraíam grande número de malandros que queriam ganhar recompensas rápidas. Casas continham itens que podiam facilmente ser revendidos a receptores de bens roubados, tais como prata e joias.





Questionário - Lição 6

- 1) Por que Thomas Hobbes sentia medo de ficar sozinho, deitado, à noite?
- (A) Porque tinha um medo infantil do escuro
 - (B) Porque temia assombrações, duendes e fadas
 - (C) Porque temia que sua cabeça fosse esmagada por cinco ou dez libras
 - (D) Nenhuma
- 2) Quem costumava “sair de suas tocas” logo após o anoitecer?
- (A) Os morcegos e ratos
 - (B) Patifes e canalhas
 - (C) Os coelhos
 - (D) Aranhas e cobras
- 3) Qual era o significado do termo inglês “nightwalker”?
- (A) Caminhante noturno
 - (B) Caminhante mal-assombrado
 - (C) Caminhante das sombras
 - (D) Caminhante da tarde
- 4) Na Europa, infrações tipicamente incluíam não apenas os crimes contra a propriedade, como furtos e roubos, mas também_____.
- Marque a opção que completa corretamente o espaço em branco.
- (A) Assaltos, boas ações e orações a Deus
 - (B) Assaltos, homicídios e outros atos cruéis
 - (C) Assaltos, homicídios e violência sexual
 - (D) Nenhuma das alternativas
- 5) Muitas vezes, de fato, para a intimidação, as vítimas eram _____.
- Marque a opção que completa corretamente o espaço em branco.
- (A) ... brutalmente espancadas antes de serem condenadas à morte por pistolas, porretes e adagas
 - (B) ... ameaçadas com altos gritos e depois liberadas
 - (C) ... espancadas antes de terem seus pertences levados
 - (D) Todas alternativas estão erradas.

1-C, 2-B, 3-A, 4-B, 5-A.



Lição 7 – Perigos noturnos: fogo

O fogo que você acende contra seu inimigo muitas vezes queima mais a si mesmo do que a ele. — Provérbio chinês.

O que é notável sobre o fogo é que também exige oxigênio para queimar — exatamente como seu inimigo, a vida. Assim, vida e chamas são muitas vezes comparadas. — Otto Weininger (filósofo austríaco).

O fogo noturno era uma ameaça constante para as populações pré-industriais, cuja intimidação aterrorizava mais do que o crime e a violência. A noite enfraquecia as defesas humanas, e para piorar, a necessidade de calor e luz era maior, principalmente no inverno. Uma fonte de ansiedade desde tempos imemoriais, o perigo de incêndios — “o tirano mais terrível e cruel” — amedrontava pessoas na era pré-industrial com novos terrores em áreas urbanas hermeticamente fechadas onde, debaixo de tetos de sapé e entre paredes de madeira, o fogo fez estragos enormes no centro e no norte da Europa. Apenas a sua menção era suficiente para incutir desespero. Tão recente quanto 1769, “Palladio”, escrevendo no *Middlesex Journal*, reclamou: “O inglês vive e dorme, por assim dizer, cercado de piras funerárias”. Fileiras congestionadas de casas criavam um labirinto de ruas estreitas e vielas sinuosas altamente vulneráveis a incêndios.

Uma brisa forte poderia piorar a situação. Durante um incêndio em 1652, que consumiu grande parte de Glasgow, na Escócia, o vento mudou de direção cinco ou seis vezes. “O fogo de um lado da rua pulava para o outro lado”, informou o ministro da paróquia de Kilpatrick. O sagrado padecia ao lado do profano, os ricos com os pobres. Vidas inocentes perdiam-se nas chamas normalmente reservadas para cidades de hereges e bruxas. O fogo, ao contrário de outros predadores, observou o escritor Nicolas de Lamare, “devora tudo e não respeita nem igrejas nem palácios reais”.

Por isso, não é de admirar que apenas o alarme de fogo durante a noite pudesse paralisar uma pessoa. Certa feita, em 1680, um bando de arruaceiros, ao saber que uma mulher tinha ameaçado queimar a cidade de Wakefield, arrastou-a para uma pilha de esterco fresco, onde teve de passar a noite, nua, após ter sido chicoteada. Um destino pior foi reservado a certo balseiro dinamarquês e sua esposa, ao tentarem pôr fogo na cidade de Randers. Foram arrastados pelas ruas e repetidamente “mordidos” com “alicates incandescentes”. Em seguida, foram queimados vivos. Sofreram muito. Apesar da invenção dos carros de bombeiros por



Lição 7 – Perigos noturnos: fogo

volta do século 17, a maioria dos aparelhos de combate a incêndios era primitiva, em grande parte limitada a baldes de couro, escadas e “grandes ganchos” para derrubar madeiras e palha incandescentes antes que as faíscas se espalhassem.

Claro, o Grande Incêndio de Londres, que se originou em uma padaria nas primeiras horas da manhã do dia 2 de setembro de 1666, ainda está entre os piores da história humana. A princípio, as chamas pareciam controláveis, o que levou o Lord Mayor (senhor prefeito) a opinar que “uma mulher poderia apagá-lo com sua urina”. Mas um vento leste espalhou rapidamente as chamas, que levou o fogo a consumir 80% da cidade em quatro dias. Calcula-se que 87 igrejas, mais de 13 000 casas e edifícios públicos como o Guildhall, a Custom House, e o Royal Exchange foram reduzidas a cinzas. O diarista John Evelyn escreveu: “As pedras de Paules voavam como granadas, as guias das calçadas e o próprio pavimento brilhavam com vermelhidão ardente, e nem cavalos nem homens conseguiam pisar sobre eles”. À sua volta, a cidade aguentaria mais 40 incêndios graves até os anos de 1800.

Nas localidades rurais não havia aglomeração de casas, mas o fogo ainda representava uma ameaça séria. Na maioria das aldeias, as casas eram construídas suficientemente unidas para que as chamas se espalhassem rapidamente; já em campos abertos, o fogo ficava geralmente restrito a uma única casa. Uma vez ardendo, um telhado de sapé, feito de juncos secos ou palha, era quase impossível de salvar. Feno, madeira e animais mantidos em estábulos cobertos com palha corriam constante risco de incêndio, particularmente quando as estações se mantinham secas.

Um dos desastres rurais mais terríveis ocorreu em uma noite em 1727 na aldeia de Cambridgeshire, em Burwell. Um celeiro pegou fogo com mais de 70 pessoas dentro, enquanto assistiam a um show de teatro. Devido ao fato de as portas terem sido trancadas, quase todos morreram. Os restos mortais ficaram tão irreconhecíveis que foram enterrados em uma vala comum.

Com boa razão, o pavor reinava após o anoitecer. Mesmo antes de serem rendidas pelo sono, as famílias se expunham ao perigo acendendo fogo para escaparem ao frio e ao escuro. Como Benjamin Franklin observou, na América Colonial, “incêndios acidentais em casas são mais frequentes nas noites de inverno”. Lareiras abertas lançavam faíscas



Lição 7 – Perigos noturnos: fogo

sobre os assoalhos de madeira, ou pior, sobre telhados de palha, quando as fagulhas subiam junto com a fumaça da chaminé. Roupas eram penduradas perigosamente ao lado de lareiras, a fim de secar.

As próprias chaminés eram um perigo constante. Não apenas soltavam um bolo repentino de faíscas quando entupiam com a fuligem, mas rachaduras dentro das chaminés e dos fornos permitiam que as chamas ocasionalmente chegassem às vigas de uma casa. Algumas casas simplesmente não tinham chaminés, para a angústia de vizinhos ansiosos. Ao explicar por que John Taylor, um padeiro e cervejeiro, foi expulso da comunidade de Wiltshire, em 1624, John Dunton relatou: “Quando o fogo está aceso, a fumaça sai através da palha do telhado, dando a impressão de que a cabana estava em chamas. A casa dele não tinha chaminé”.

Velas, lampiões a óleo e outras fontes de iluminação artificial colocavam uma casa em sério perigo. “O fogo”, dizia um provérbio inglês, “pode rapidamente deixar de ser um bom servo para assumir o papel de um tirano doentio”. Roupas eram altamente combustíveis: a manta que cobria o pescoço da filha do reverendo Ralph Josselin, Mary, de repente explodiu em chamas vindas de uma vela, em 1669, como ocorreu, outra noite, com o véu que cobria a cabeça de Elizabeth Freke, de County Cork, enquanto estava lendo em seu quarto. Um simples lampião queimando ao ar livre poderia ser um convite ao desastre. Em Nova York, um carroceiro perdeu a casa e seu ganho estável após a vela de seus filhos ter provocado um incêndio no celeiro enquanto estavam recolhendo os cavalos.

A maioria das chamas começava de forma menos dramática, com velas abandonadas causando a maior devastação. Pavios não aparados liberavam minúsculas brasas sobre mesas e pisos. “O morrão de uma vela pode incendiar uma casa inteira”, advertiu um escritor elisabetano. Velas acesas também eram objetos tentadores para ratos e camundongos famintos, pois eram feitas de gordura animal. Samuel Sewall, de Boston, atribuiu o fogo dentro de seu armário à paixão de um rato por sebo. “Se a doença ou qualquer outra causa o obrigar a deixar uma vela acesa durante toda a noite”, aconselhou O almanaque do fazendeiro idoso, “que seja deixada fora do caminho dos ratos”.

Se a maioria dos incêndios noturnos surgia de incidentes e negligência humana, um número alarmante era intencional. Certamente



Lição 7 – Perigos noturnos: fogo

nenhum crime mais assustador e bárbaro existia naquelas épocas que fosse “mais pernicioso à sociedade”, declarou um pastor escocês em 1734. No direito penal inglês, quase todas as formas de incêndio intencional eram puníveis com a morte.

Na Dinamarca, incêndios com ou sem perda de vidas eram punidos com a decapitação. Algumas pessoas que exploravam os terrores públicos extorquiam dinheiro de proprietários de imóveis em cartas anônimas, ameaçando produzir incêndio criminoso. Você será “acordado pelo galo vermelho”, era a ameaça favorita.

Os assaltantes usavam incêndio criminoso na esperança de encobrir seus furtos. No Ancien Regime (Antigo Regime, anterior à Revolução Francesa), era um artifício comum entre os ladrões. Muito azar teve o proprietário de uma casa em Londres, consumida por um incêndio criminoso com o objetivo de ocultar um roubo de cerca de £ 1 000 (mil libras) em notas.

Na estrada de Piccadilly, em Westminster, em uma noite de domingo de 1761, o servo do dono de uma mercearia roubou peças de roupa e ateou fogo em três pontos diferentes da casa de seu senhor. Alertado pela fumaça, membros da família escaparam por pouco. Uma variação desse esquema ocorria quando os ladrões saqueavam casas em meio à confusão que acompanhava os incêndios que eles mesmos haviam iniciado.

Observou Roger North, um promotor do século 17: “Acredita-se que as casas são muitas vezes incendiadas por ladrões para criar oportunidades para furtos”. No Soho, subúrbio de Londres, uma gangue ateou fogo em um celeiro contendo uma grande quantidade de feno. Enquanto o agricultor e sua família trabalhavam freneticamente para apagar as chamas, os incendiários levaram dinheiro e bens da residência.

A agonia causada por incêndios era pior em suas horas finais. Depois de conseguir escapar de tanta fumaça e chamas, na calada da noite, os sobreviventes ainda enfrentavam o roubo dos poucos bens que conseguiam salvar. Roubos de incêndio eram generalizados, cometidos com menos frequência por incendiários do que por espectadores apelidados de “amigos do fogo”, famosos por roubar objetos de valor sob a desculpa de ajudar as vítimas a recuperar seus pertences.



Lição 7 – Perigos noturnos: fogo

Essa forma de furto se tornou tão rotineira que o Parlamento criou uma lei, em 1707, contra “pessoas predispostas a roubar infelizes habitantes surpreendidos por fogo”. Cinquenta anos depois, nada tinha mudado, com furtos frequentes em ambos os lados do Atlântico. “Havia muito roubo no fogo”, relatou a gazeta da Pensilvânia, EUA, em 1730, sobre um incêndio noturno que destruiu lojas e casas ao longo da orla marítima da Filadélfia.

Tal era a paisagem noturna no início da Idade Moderna, um lugar proibitivo atormentado por miasmas pestilentos, espíritos diabólicos, desastres naturais e depravação humana — os quatro cavaleiros do apocalipse noturno. Eles compunham os piores pesadelos humanos. Não havia dúvidas de que o anoitecer trazia ameaças mais graves à segurança pessoal. A escuridão deu rédea solta aos elementos mais ameaçadores do mundo natural e do sobrenatural.

“Os terrores da noite”, explicou Thomas Nashe, são “maiores do que os terrores do dia, porque os pecadores noturnos superam os pecadores do dia”. Nunca antes na história ocidental, pelo menos desde a época de Cristo, a noite pareceu mais ameaçadora. Tendo o crime como ameaça constante, ao lado dos espíritos malignos e do terror do fogo, os perigos cresceram no imaginário popular nos séculos posteriores à Idade Média.



Questionário - Lição 7

1) De acordo com o provérbio chinês que diz: “O fogo que você acende contra seu inimigo _____.” Escolha a opção que completa adequadamente o espaço em branco.

- (A) ... muitas vezes queima mais a outra pessoa do que a si mesmo
- (B) ... muitas vezes queima mais a si mesmo do que a você
- (C) ... muitas vezes queima mais a si mesmo do que a ele
- (D) Nenhuma das alternativas.

2) De acordo com Otto Weininger, o que fogo e vida compartilham em comum, como combustível?

- (A) Nitrogênio
- (B) Oxigênio
- (C) Formaldeído
- (D) Hidrogênio

3) De acordo com o Middlesex Journal, de 1769, o inglês vivia e dormia cercado de quê?

- (A) De piras funerárias
- (B) De pias funerárias
- (C) De piras olímpicas
- (D) Nenhuma das alternativas.

4) Assim que os carros de bombeiros surgiram no século 17, quais eram os itens de sua aparelhagem contra incêndios?

- (A) Pás, picaretas, baldes de couro e enxadas
- (B) Baldes de couro, guindastes pneumáticos e escadas?
- (C) Baldes de couro, escadas e “grandes ganchos”
- (D) Nenhuma das alternativas



Questionário - Lição 7

5) Qual foi a declaração irônica do prefeito de Londres, no grande incêndio de 1666?

- (A) Que a urina de uma mulher poderia apagá-lo
- (B) Que a urina de uma criança poderia apagá-lo
- (C) Que a urina de um homem poderia apagá-lo
- (D) Nenhuma das alternativas.



1-C, 2-B, 3-A, 4-C, 5-A.



Lição 8 – A casa de um homem é seu castelo

Por meio da grande misericórdia de Deus, estávamos a salvo em minha casa antes que a luz do dia houvesse desaparecido. — EBENEZER PARKMAN, 1745

Muito antes que as cidades fechassem seus portões, a natureza sinalizava que o dia estava se indo. Para muitas famílias, era o ambiente rural, e não os relógios, que mantinham o curso diário da vida. Apenas os sinos das igrejas paroquiais periodicamente anunciavam as horas durante o dia, mas nada rivalizava a precisão da natureza. Inúmeros anseios antecederam a chegada da noite — alguns facilmente decifráveis, enquanto que outros eram transmitidos pela sabedoria milenar dos antepassados.

Inclinadas na direção do Sol, pétalas de calêndula começam a se fechar próximo ao anoitecer. Bandos de corvos — aves carniceiras diurnas — voltam aos ninhos, e os coelhos, mamíferos noturnos, deixam as tocas e ficam mais animados. As pupilas de cabras e ovelhas, normalmente ovais, tornam-se grandes e redondas. “Os olhos das cabras eram o meu relógio”, lembra Ulrich Bräker, um jovem pastor suíço.

Nenhum momento do dia despertava maior preocupação do que a “boca da noite”. Em dias claros, a orientação vinha do céu — o curso rotineiro do Sol, deixando traços de luz. Escreveu um napolitano do século 17: “O céu começa a escurecer até atingir a cor do focinho de um lobo”. Ainda assim, o calendário mais confiável da natureza estava nas sombras da descida do Sol.

Da mesma forma que a luz do dia enfraquece, assim a escuridão chega em estágios para o olho humano. Em contraste com latitudes mediterrâneas, o crepúsculo no noroeste da Europa era prolongado, durando pouco mais de hora. Thomas Hardy comentou em *The Woodlanders* (Os moradores dos bosques, 1887): “Milhares de matizes e cores sucessivas na paisagem nunca são percebidas por aquele que ouve o toque regular de um relógio”.

Nas eras pré-industriais, raramente se fazia pausa para meditar na beleza de um pôr do sol. Em contraste com os louvores cantados na aurora, não há registros na literatura, em cartas ou diários, que gente daquela época se maravilhasse com o pôr do sol. Sentimentos de insegurança e angústia eram muito mais frequentes do que a admiração. “Começa a noite, e a segurança da casa nos chama”, escreveu o poeta Stuart.



Lição 8 – A casa de um homem é seu castelo

Ansiosos por não ser pegos pelo cair da noite a céu aberto, muitos homens e mulheres se apressavam para casa, esperando que o “bom Deus enviasse outro dia para trabalhar”. Detido por uma audiência judicial, Matthew Patten, um agricultor do período colonial, em New Hampshire, EUA, observou: “A noite estava tão próxima ao término da audiência que não podíamos voltar para casa”. Quando a noite cobria o campo, os viajantes retardatários escreviam que “eram pegos de surpresa”. Às vezes, a atmosfera pesada da noite parecia impenetrável à visão.

O poeta do século 15, François Villon, alertou: “A casa é segura, mas tenha certeza de que está bem fechada”. Confirmava um provérbio inglês: “Os homens fecham suas portas contra um sol poente”.

O ditado de que “a casa de um homem é seu castelo” assumia profunda importância à noite. De acordo com Sir Edward Coke, a casa servia tanto para “a defesa da família contra a violência como para o seu descanso”. Sendo um ambiente sagrado, o limiar da casa era demarcado por uma porta e um peitoril de pedra ou madeira.

Apesar de expostos durante o dia, os limiares ou soleiras representavam limites que os visitantes inesperados não tinham permissão de atravessar. A reação de um pobre fazendeiro da Escócia, quando visitado por um cavaleiro que havia saído à noite em busca de socorro, era bem comum: “Após o trote do meu cavalo (disse o cavaleiro) próximo à casa, as luzes se apagaram, e um silêncio absoluto tomou a família”.

Apesar dos terrores constantes, as famílias à noite estavam longe de ser indefesas. Sem a proteção das instituições (igreja e estado), as famílias se protegiam com recursos próprios. A responsabilidade do cuidado e proteção ficava sobre os ombros do marido e pai, o chefe da família. Acima de tudo, o anoitecer via rápidos movimentos para recolher roupas e ferramentas, que eram levadas para o interior das casas. Portas, persianas e janelas eram bem fechadas, trancadas por dentro com barras de ferro. Um comerciante de vinhos de Londres observou: “Eu nunca deixo a porta aberta depois que a noite cai”.

Em casas bem construídas, grandes portas de madeira, fixadas em quadros de pedra ou madeira, guardavam a entrada da frente. Dobradiças e barras de ferro davam maior resistência à madeira. Mais



Lição 8 – A casa de um homem é seu castelo

vulneráveis eram janelas. Apesar de seu tamanho pequeno para os padrões modernos, janelas à noite representavam os pontos mais fracos no perímetro de uma casa. A maioria das famílias estava mais bem armada do que os membros da guarda noturna.

Arsenais domésticos continham espadas, lanças e armas de fogo, ou em casas mais pobres, porretes e paus, ambos capazes de desferir golpes mortais. No país, foices, machados e outras ferramentas agrícolas se tornavam armas convenientes.

Tendo passado por um campo de milho, o adolescente Thomas Ellwood, de Oxfordshire, foi atacado à noite por lavradores empunhando porretes “grandes o suficiente para nocautear um boi”. Assim que a família se retirava para o recesso do lar, as armas eram mantidas perto. Um escudeiro de Middlesex, que teve sua casa invadida por cinco assaltantes mascarados em 1704, imediatamente pegou uma espada “que sempre estava próxima à cabeceira” apenas para ser apunhalado pelas costas.

Armas de fogo, devido aos avanços em precisão, tornaram-se mais comuns entre os proprietários de casas após meados do século 17. Considerando que armas contribuíam com menos de 3% de todas as mortes violentas entre 1560 e 1660, tiroteios causaram mais de um quarto dessas mortes pela década de 1720. Muitas delas, decorrentes da proteção do lar e da família, terminavam em absolvições na corte. Temendo acender sua vela tarde da noite, James Boswell desistiu de procurar por um barril de pólvora por medo de que seu senhorio, “que sempre mantinha um par de pistolas carregadas”, o confundisse com um ladrão. Poucas famílias londrinas andavam bem armadas como a de Charlotte Clarke que, quando menina, cresceu com medo de que sua casa fosse assaltada.

Mortes acidentais à noite eram um perigo comum. Qualquer ruído estranho ou luz desconhecida deixava as famílias em alerta. Na aldeia de Cumberland, o filho de um ferreiro foi baleado por um ladrão após ter assobiado fora de casa para sinalizar uma criada. Quando um homem idoso que sofria de demência entrou em uma casa desconhecida em Pontrefract, uma empregada gritou “ladrões!”, fazendo com que seu patrão o “retalhasse em pedaços” com uma espada. Colonos da Nova Inglaterra, EUA, algumas vezes foram confundidos com índios à noite, e foram atingidos por tiros.



Questionário - Lição 8

1) Para muitas famílias, qual era o relógio que as ajudava a marcar o tempo?

- (A) O relógio da catedral da cidade, que tocava a cada hora do dia
- (B) A clepsidra
- (C) Para muitas famílias, era o ambiente rural, e não os relógios, que mantinham o curso diário da vida
- (D) Nenhuma das alternativas

2) Já para o pastor de ovelhas Ulrich Bräker, qual era o relógio confiável para indicar a hora certa de recolher os rebanhos?

- (A) O relógio da catedral da igreja, quando tocava seis horas da tarde
- (B) De acordo com suas palavras, “Os olhos das cabras eram o meu relógio”
- (C) De acordo com suas palavras, “Os olhos das vacas e ovelhas eram o meu relógio”
- (D) Nenhuma das alternativas.

3) Por que o texto afirma que durante as eras pré-industriais, raramente se fazia pausa para meditar na beleza de um pôr do sol?

- (A) Porque as famílias medievais não gostavam da natureza
- (B) Porque sentimentos de insegurança e angústia eram associados à noite
- (C) Porque as pessoas não tinham tempo para perceber o pôr do sol
- (D) Nenhuma das alternativas

4) Naqueles tempos antigos, quais eram os pontos mais fracos do perímetro de uma casa?

- (A) As janelas
- (B) As portas
- (C) As trancas
- (D) As paredes



Questionário - Lição 8

5) Entre 1560 e 1660, de todas as mortes violentas, qual era a porcentagem anunciada de mortes por armas de fogo?

- (A) 50%
- (B) 6%
- (C) 3%
- (D) 1%



1-C, 2-B, 3-B, 4-A, 5-C.



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

Veja como uma única vela pode desafiar e definir a escuridão. — Anne Frank.

As chamas das velas eram como a vida dos homens. Frágeis e mortais. Sob controle, acendiam e aqueciam. Ao queimar sem controle, elas destruíam as coisas que deveriam iluminar. Eram fogueiras embrionárias, cada uma com uma semente de destruição tão real que poderiam derrubar cidades e fazer reis recuarem de joelhos. — Brandon Sanderson, *The Way of Kings*.

Como as pessoas da era pré-industrial acendiam fogo, fosse para lenha ou para uma simples vela?

Uma resposta direta é friccionando pederneira e aço. A pederneira é um sílex capaz de produzir centelhas quando atritado por peças de metal, especialmente aço ou ferro. Fazer fogo era um grande problema na Idade Média — algo tão comum que às vezes poderia se tornar um desafio enorme, caso as condições não fossem adequadas.

Produzir ou “bater” um fogo exigia paciência e habilidade. Acender uma pequena pilha de lenha podia levar bastante tempo. Antes da invenção do “lúcifer” ou fósforos de fricção, no século 19, a solução mais fácil era tomar emprestada uma marca incandescente de ferrar animais de um vizinho, tendo cuidado para não iniciar um incêndio no trajeto. Caso contrário, a alternativa seria usar a pederneira para queimar material inflamável, tipicamente linho, algodão ou papel macio molhado em uma solução de salitre.

Combustíveis variavam muito, dependendo dos recursos naturais. Em toda a Europa e América antiga, a madeira era a fonte mais popular de calor, especialmente madeiras como o carvalho e freixo, que emitiam mais calor. Uma cota média necessária para uma família comum compreendia duas toneladas de madeira por ano. Outro combustível popular na Inglaterra era o carvão betuminoso, que possuía um valor calórico mais elevado (6,9) do que a madeira (3,5) e exigia menor esforço para acender.

No norte da Inglaterra e País de Gales, muito preciosa era a “vela de carvão”, uma forma de carvão betuminoso que ardia com uma chama brilhante, e que fazia pouca fumaça. “Tal era seu brilho”, comentou um



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

viajante, que “em tempo de inverno pessoas pobres gastavam o que não tinham para comprá-las a fim de servirem de vela nas noites grandes”.

A fim de obter calor e luz, os pobres pré-industriais usavam qualquer coisa, desde arbustos como urzes, tojo e juncos, e até mesmo algas secas nas zonas costeiras (o uso dessas algas na ilha escocesa de Eriskay dava um sabor picante ao pão). Ao longo da costa inglesa de Dorset, pedaços de xisto impregnados com óleo eram populares. Amplamente utilizado em pântanos e outras regiões desarborizadas (sem madeira), era a turfa, cortada em camadas ao nível do solo, com pás de corte, e empilhadas em grandes montes para secar e endurecer. Sendo bastante inflamável, o fogo de turfa exigia menos trabalho do que a madeira, mas queimava mais rapidamente do que o carvão. Produzia um cheiro muito forte e uma fumaça densa.

Finalmente, no lugar de alternativas mais caras, as pessoas muito pobres queimavam esterco seco de vaca, bois e cavalos. A demanda, naturalmente, aumentava no inverno, quando as temperaturas despencavam, e a turfa ficava oculta sob o gelo. Amplamente disponível, o esterco era amassado com palha ou serragem, repartido em tabletes, que eram empilhados próximo às residências para secar.

Em Lincolnshire, um morador relatou: “A bosta de vacas vira fogo”. Apesar de emitir um forte odor quando queimado, o esterco gerava bem mais calor do que a lenha. Na cidade de Cambridgeshire, em 1698, Celia Fiennes observou “que as pessoas do campo usam bastante esterco por estas bandas”. Um século mais tarde, um grupo de viajantes da Cornúlia e Devon foi seguido por “uma velha que mancava, atrás de seus cavalos, na esperança de obter um pouco de combustível”.

Qualquer que fosse a fonte de calor interno, as lareiras produziam luz muito limitada, restrita a um raio de poucos metros. Normalmente apenas os casebres mais pobres dependiam totalmente da luz de uma lareira, localizada no centro da habitação. Forçado a se abrigar com uma família pobre, o viajante de Birmingham, William Hutton, contou: “Eu fiquei em uma sala de três metros quadrados, indigna do nome de uma casa, totalmente escura, exceto por um clarão de fogo, que mal dava para assar uma batata”.

A ausência de iluminação decente em uma casa atraía deboche e piadas publicadas em pequenos almanaques, como a história de Taylor, o



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

viajante, que precisou se refugiar durante a noite na casa de uma escocesa muito pobre. Ao lhe ter sido negada uma cama decente, foi forçado a dormir no chão, apenas para descobrir que a senhora tinha erroneamente colocado a pilha de palha, que lhe serviria de colchão, em cima de um bezerro adormecido, tão fraca era a luz.

Uma ampla variedade de luminárias fazia parte das noites das famílias pré-industriais. Além da lareira, havia realmente apenas três tipos básicos de iluminação pré-industrial, os quais não sofreram essencialmente nenhuma mudança por mais de mil anos. A mais generalizada era a vela, uma forma de combustível sólido que envolvia um pavio recoberto de cera ou gordura animal; e os lampiões, nos quais o óleo subia através de uma mecha, vindo de um pequeno reservatório. Na verdade, a parte superior de uma vela realmente funcionava como uma pequena lâmpada, com o pavio repousando em uma pequena poça de gordura derretida. Mais rústicas no formato, eram as lascas resinosas de madeira chamadas candlewood (vela-de-madeira), que ardem com uma chama estável.

Velas foram muito comuns no mundo de fala inglesa e em grande parte do norte da Europa, especialmente entre as classes abastadas. Ditados comuns refletiam sua onipresença, como “a queima de uma vela em ambas as extremidades” e “segurar uma vela para o diabo”. Introduzida pelos fenícios há milhares de anos, a vela de cera de abelhas se tornou popular entre os aristocratas europeus durante o final da Idade Média. Famosa por seu odor agradável e chama clara, era um sinal de status financeiro.

Tal era a extravagância na corte de Luís XIV, que usavam velas que nunca eram reacendidas. De qualidade comparável, o aumento da caça às baleias no Atlântico Norte, no início do século 17, trouxe as “velas espermacete”, feitas de uma cera cor-de-rosa encontrada na cabeça de cachalotes — como na missão da baleeira Pequod, do capitão Ahab, em *Moby Dick* (1851), o romance do escritor norte-americano Herman Melville. Tais luminárias eram caras. Os preços oscilaram ao longo do tempo, mas nunca a ponto de tornar a cera ou a vela espermacete amplamente acessíveis. Para iluminar e aquecer a casa palaciana do Marquês de La Borde, um financista parisiense rico, Horace Walpole, em 1765, estimava uma despesa anual de mais de 28 000 libras — uma verdadeira fortuna.



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

Velas de sebo, pelo contrário, ofereciam uma alternativa mais barata. Sendo o esteio da iluminação das famílias de classe média, sua matéria-prima, a gordura animal, era processada a partir da gordura de carneiro, que era, por vezes, misturada com sebo bovino. A gordura suína, que emitia uma densa fumaça negra, não queimava tão bem. Os primeiros americanos eram conhecidos por empregar gordura de urso e de veado como base para a fabricação de velas.

Ao contrário da cera ou do espermacete, as velas feitas de sebo exalavam um cheiro rançoso de impurezas. Descreve Shakespeare, na tragédia *Cymbeline* (1609), que “chegou a luz esfumaçada, alimentada com sebo fedorento”.

À medida que a vela de sebo queimava, a qualidade de sua luz diminuía. Ela também exigia atenção contínua para evitar o desperdício de gordura. A menos que fossem espevitados (aparados) a cada quinze minutos, os morrões do pavio poderiam criar uma pilha de gordura fundida de um lado da vela. Pedacos carbonizados de pavio, conhecidos como “ranhos”, representavam um risco de incêndio, dependendo de onde caíssem. E velas de sebo exigiam armazenamento cuidadoso para que não derretessem no verão nem fossem atacadas por roedores famintos. Ainda assim, apesar de tais inconvenientes, até mesmo famílias aristocráticas dependiam delas para as necessidades rotineiras.

Na propriedade rural de Castletown, lar do homem mais rico da Irlanda — Thomas Connolly — nada menos que 964 quilos de sebo garantiram o abastecimento de velas somente no ano 1787. Comparado ao consumo de uma família típica, de 120 quilos anuais de sebo, os gastos do Sr. Connolly eram realmente exorbitantes. Só em ocasiões especiais as velas de cera clareavam casas burguesas. Para complicar ainda mais o uso de velas de cera e sebo na Inglaterra, esses materiais eram tributados pela coroa, pelo menos durante o século 18. Ao mesmo tempo, fabricar suas próprias velas era considerado ilegal.

Para as famílias mais indigentes, rushlights (rush = junco. “Luz de junco”) proporcionavam um substituto mais grosseiro. Embora semelhante às velas em design, a luz de junco era livre de taxaço. De fabricação caseira, essas imitações de vela eram feitas a partir do junco selvagem que crescia no clima úmido da Grã-Bretanha. Tanto o junco



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

comum (*Juncus effusus*), como uma variedade um pouco melhor, chamada *Juncus conglomeratus*, serviam para esse propósito.

Após secarem, eram descascados, exceto na base, onde era deixado um pedaço de casca, para servir de apoio. A medula central do junco era repetidamente mergulhada em sebo derretido e depois deixada para endurecer.

“A esposa cuidadosa de um trabalhador de Hampshire está sempre ocupada”, observou o naturalista do século 18, Gilbert White, “pois obtém toda a sua gordura para nada; ela usa tudo nas suas luzes de junco”. Suspensa horizontalmente de um suporte de ferro, a luz de junco típica, medindo 60 centímetros, queimava por quase uma hora, cerca da metade do tempo de uma vela de sebo.

O reformador William Cobbett mais tarde escreveu sobre sua infância: “Fui criado sob uma luz de junco”. Sua avó, casada com um trabalhador inglês, disse: “nunca queimamos uma única vela em nossa casa, a não ser rushlights (luzes de junco)”. Lares da classe média, em diferentes graus, se serviam de velas de junco para amenizar a despesa com velas comuns. Observou White, um reformador irlandês: “Pequenos agricultores fazem muito uso de velas de junco nos dias curtos [inverno], tanto de madrugada como à noite, ao tirar leite e na cozinha”.

Milhares de convenções sociais controlavam o uso de iluminação artificial, especialmente por causa do seu preço. Famílias pré-industriais eram perseguidas por preocupações com a segurança e a economia. Regras controlavam não só o acesso às velas e lampiões, mas também à hora e o local da sua utilização. Nem todas as horas e lugares eram “adequadas” para o uso de luminárias artificiais.

No topo da lista de transgressões ficava o ato conhecido como “queimar à luz do dia”, ou seja, recorrer à luz artificial desnecessariamente durante o dia. Desperdiçar a luz de velas era sinônimo de extravagância e dissipação. Indivíduos que faziam isso eram considerados perdulários (esbanjadores). Crianças, criados e escravos recebiam vigilância especial. Tal foi a indignação do latifundiário William Byrd II, da Virgínia, ao descobrir seu escravo Proud usando “uma vela à luz do dia” que lhe “deu uma saudação” com o pé direito.



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

Normalmente, nem mesmo o crepúsculo era suficiente para o primeiro vislumbre de luzes domésticas. O intervalo entre o pôr do sol e o anoitecer, na Islândia e na maior parte da Escandinávia, era chamado de “descanso crepuscular”, uma pausa onde a luz ambiente era muito fraca para continuar trabalhando ou lendo, mas muito clara para justificar o uso de velas ou lampiões. As pessoas costumavam reservar essa hora antes das tarefas da noite para o descanso, oração e conversa tranquila.

A maioria dos dependentes de uma casa não era autorizada a ter sua própria iluminação, mesmo para orientar o caminho para o leito. Na comédia de Joseph Addison, *The Drummer* (1715), a amante de um magnata explode em indignação ao ver seus criados usando luzes noturnas em seus quartos. “Os ladrões estão com medo de dormir no escuro?”, pergunta, aos berros, ao seu mordomo. Do matemático William Oughtred, John Aubrey escreveu que, por ser “uma mulher pobre,” sua esposa “não permitia que ele queimasse velas depois do jantar, porque uma boa noção de economia estaria perdida”. Para agravar as despesas, o transporte de uma chama aberta consumia a vela mais rapidamente, por causa da brisa. E havia sempre um risco de incêndio, tanto na ida para o leito como depois.

Em todas as horas da noite, as famílias muitas vezes tinham de perambular no escuro dentro de suas casas, seguindo cuidadosamente o seu caminho através de aposentos familiares e salas. “A melhor vela do homem é a discrição”, declarava um provérbio galês. Por isso, o sentido do tato era crítico. Os indivíduos se dedicavam a decorar o ambiente interno de suas casas, incluindo o número exato de degraus em cada lance de escada. Outros, encontrando-se em um ambiente desconhecido, tinham de lidar com ele da melhor forma possível. Em *Emílio*, Rousseau aconselhou, ao estar em um aposento desconhecido, no escuro, a bater palmas. “Você perceberá pelo eco do lugar, se a área é grande ou pequena, se você está no meio do aposento ou próximo à parede”.

Forçado a entrar em aposentos “miseráveis” certa noite, ao longo da costa italiana, um viajante do século 19 “fez um levantamento muito preciso” de seu aposento a fim de “conduzir-se para fora” antes do amanhecer. A ausência de iluminação em casas gerava uma série de técnicas inteligentes, a maioria passada, sem dúvida, de uma geração a outra. Dentro da casa elegante de dois andares que uma vez dominou a Sotterley Plantation, na Maryland colonial, permanece até hoje um



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

entalhe artesanal no corrimão de madeira que conduz ao segundo andar, localizado em uma curva repentina do lance de escadas. Esse entalhe servia para guiar a pessoa no escuro. Ele indicava que a grande curva nas escadas começava ali.

O mobiliário das casas escandinavas era colocado contra as paredes, à noite, a fim de evitar colisões. E em todos os lugares era importante manter uma casa organizada, para que uma ferramenta ou arma pudesse ser rapidamente achada no escuro. O ditado “tudo tem seu devido lugar” assumia uma importância muito maior à noite. De servos, Robert Cleaver escreveu em *A Godly Form of Household Government* (Uma piedosa formação administrativa de um chefe de família, 1621): “Se estiverem no período noturno, sem luz, eles não só devem saber dizer onde tal coisa está, mas também, se deles for exigido, que possam pegar o objeto no escuro”.

Não se pode exigir muito da iluminação doméstica antes da Revolução Industrial. Um imenso abismo separa as lâmpadas modernas das luminárias primitivas. A luz de uma única lâmpada elétrica incandescente de 60 watts é cem vezes mais forte do que a chama de uma vela ou lampião a óleo.

Observadores pré-modernos falavam sarcasticamente de velas que tornavam as “trevas visíveis”. “Uma constante luz sombria” foi a descrição de outro. Afirmava um ditado francês: “À luz de velas, uma cabra se parece com uma bela mulher”. Mais fraco ainda era o brilho produzido pela luz de junco. Nos lares, à noite, pequenas ilhas de luz surgiam dentre as sombras. As mechas ou pavios não apenas cintilavam, mas muitas vezes cuspiam, fumegavam e apagavam.

“Sempre pronta para desaparecer”, um ensaísta de 1751 lamentava da luz artificial ou “emprestada”. Ao invés de inundar cada canto e recesso de uma sala, como ocorre hoje, a luz era uma presença fraca na escuridão. Ao contrário de acessórios suspensos no teto de casas modernas e escritórios, velas e lampiões ficavam em lugares mais baixos, permitindo acesso conveniente aos pavios. Rostos familiares e móveis, em consequência, ficavam com a aparência alterada. A visibilidade limitava-se à fachada de um objeto, não à sua parte superior nem aos lados. Tetos mantinham-se escuros, e muitas vezes mal se podia ver de uma extremidade de uma sala para outra.



Lição 9 – Iluminação na era pré-industrial

De acordo com Fynes Moryson, no início do século 17, camponeses irlandeses, devido à falta de recursos para adquirir mesas, punham luzes de junco no piso. Por outro lado, as necessidades domésticas eram muito mais simples. Enquanto as famílias poderiam comer, socializar, realizar tarefas básicas e negociar no interior de suas casas, as condições noturnas estavam longe de ser intoleráveis.





Questionário - Lição 9

1) De acordo com o texto de Brandon Sanderson, por que as chamas das velas eram como a vida dos homens?

- (A) Porque eram frágeis e mortais. Sob controle, acendiam e aqueciam. Ao queimar sem controle, elas destruíaam as coisas que deveriam iluminar.
- (B) Porque eram fortes e imortais. Sob controle, acendiam e aqueciam. Ao queimar sem controle, elas destruíaam as coisas que deveriam iluminar.
- (C) Porque eram frágeis e mortais. Sob controle, apagavam e esfriavam. Ao queimar sem controle, elas protegiam as coisas que deveriam iluminar.
- (D) Nenhuma das alternativas

2) Como se acendia um fogo na era pré-industrial?

- (A) Com caixa de fósforos e papel
- (B) Com pedra e madeira
- (C) Friccionando pederneira e aço
- (D) Com isqueiro

3) De acordo com o texto, quais eram as madeiras que mais emitiam calor?

- (A) Carvalho e embaúba
- (B) Mogno e carvalho
- (C) Carvalho e freixo
- (D) Nenhuma das alternativas

4) O que as pessoas muito pobres usavam como combustível para seus fogões e lareiras?

- (A) Excrementos humanos e de animais
- (B) Esterco seco de vacas, bois e cavalos
- (C) Esterco seco de cabras, bois e cavalos
- (D) Nenhuma das alternativas



Questionário - Lição 9

5) A fim de iluminar a casa, o que as famílias mais indigentes usavam?

- (A) Velas de cera
- (B) Velas de sebo
- (C) Rushlights ou “luz de juncos”
- (D) Só água com sabão



1-A, 2-C, 3-C, 4-B, 5-C.



Lição 10 – A noite começa a morrer

Nós nos esquecemos de quão dolorosamente o mundo era escuro antes da eletricidade. Uma vela, uma boa vela, fornece apenas um centésimo da iluminação de uma única lâmpada de 60 watts. — Bill Bryson.

A eletricidade é uma necessidade da vida moderna. — Franklin Roosevelt, na celebração da Administração de Eletrificação Rural, em 1938.

Antes que a lâmpada e a eletricidade dessem as caras no nosso mundo, houve uma luminária de transição entre o mundo pré-industrial e o século 20 que fez toda a diferença — o lampião a querosene.

Edwin Drake cavou o primeiro poço de petróleo na Pensilvânia em 1859 e destilou o óleo para produzir querosene para iluminação. Até o início do século 20, o querosene para iluminação seria o “rei” da destilação de petróleo. Embora outros produtos se formassem no processo de destilação, Drake não usava a gasolina ou nafta, porque era altamente explosiva para o uso de iluminação doméstica. Ele simplesmente a descartava nos rios e córregos. Não foi até 1892, com a invenção do automóvel, que a gasolina foi reconhecida como um combustível valioso.

Embora substituísse o óleo de baleia, a edição de 1873 de *Elements of Chemistry* (Elementos de química) afirmou: “O vapor dessa substância [querosene] misturado ao ar é tão explosivo como a pólvora”. Essa afirmação é decorrente da prática comum de adulterar querosene com misturas de hidrocarbonetos mais baratas e mais voláteis, como gasolina e nafta. Mesmo assim, o querosene tornou-se um risco significativo de incêndio; em 1880, quase dois em cada cinco focos de incêndio na cidade de Nova York eram causados por lampiões a querosene com defeito ou pelas já mencionadas misturas de adulteração.

Nos países menos desenvolvidos, o querosene é uma importante fonte de energia para cozinhar e iluminar. É usado como combustível para cozinhar em fogões portáteis para mochileiros. Como combustível de aquecimento, é frequentemente usado em fogões portáteis, e é vendido em algumas estações de abastecimento. Às vezes, é usado como fonte de calor durante falhas de energia.

Em 1879, o americano Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica incandescente para acabar com esse perigo. Ela desperdiçava 95% da eletricidade, mas acabou ganhando o mundo — e aí veio a ganância.



Lição 10 – A noite começa a morrer

Na década de 1920, os fabricantes se uniram num cartel e resolveram produzir lâmpadas mais frágeis, que duravam apenas mil horas — 50% menos que a de Edison —, para obrigar as pessoas a trocarem as lâmpadas com mais rapidez.

Em 1938 surgiu a lâmpada fluorescente, que gasta menos energia, mas tem seu próprio problema: contém mercúrio, altamente tóxico. Só no Brasil, 94 milhões de fluorescentes são jogadas em lixões a cada ano, contaminando o solo e os rios. A solução é a lâmpada de LED, que não usa mercúrio e dura 25 anos, mas ainda é cara (custa cerca de cinco vezes o preço de uma fluorescente). Já a velha lâmpada de Edison morreu no Brasil, pois foi banida do comércio em 2015.

A escala de John Bortle

ESCALA DE BORTLE								
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Consideremos isso com seriedade: Nesta noite, alguém no terraço do prédio do Banespa, no centro de São Paulo, só terá condições de enxergar 1% do total de estrelas visíveis para o astrônomo Galileu há mais de 400 anos. Hoje a escuridão noturna de qualquer região da Terra é medida usando-se a Escala de Bortle — um astrônomo amador que inovou a ciência ao criar esse projeto em 2001. Sua escala abrange nove níveis de poluição luminosa, sendo que o nível 1 classifica locais com um céu escuro sem qualquer indício de luminosidade artificial, enquanto que o nível 9 classifica centros urbanos altamente poluídos, como a Avenida Paulista, em São Paulo.

A faixa mais escura dessa escala, a número 1, é uma raridade hoje. Regiões do interior de continentes que possuem um céu noturno de nível 1 podem ser encontradas apenas em partes do deserto australiano, em algumas montanhas do Peru, na Cordilheira dos Andes, na Antártida, e nada mais! O nível de industrialização de nossa sociedade chegou ao ponto de quase destruir uma paisagem tão icônica como o céu noturno de nossos antepassados, que nos acompanhou por milênios.



Lição 10 – A noite começa a morrer

Os céus noturnos rurais mais escuros do interior da maioria dos continentes alcançam níveis que vão do 4 ao 2, no máximo. Para que pudéssemos experimentar a verdadeira escuridão noturna de nível 1 sem precisarmos ir à Austrália, à Antártida ou ao Peru, teríamos de embarcar num cruzeiro marítimo e nos afastarmos da costa brasileira pelo menos uns 400 km mar adentro, numa noite sem lua, e então apagar todas as luzes do navio. Somente assim teríamos uma ideia do que já foi uma noite comum sem lua para nossos antepassados.

O céu noturno, embora não pareça, tem muito em comum com os rios, as florestas e os bancos de corais. Ele representa uma riqueza natural de enorme importância para decifrarmos os inumeráveis enigmas do Cosmo, mas está perigosamente ameaçado de extinção pelo progresso. O principal perigo vem da poluição luminosa, ou seja, da luz das cidades. Difundida na atmosfera, a luz criada pelo homem ofusca a luz dos astros mais fracos, a ponto de já não haver praticamente nenhum lugar na Terra em que a noite seja completa.

Cada vez mais iluminado, o fundo do céu permite apenas as observações dos astros mais brilhantes; assim, cada vez mais estreita-se o conjunto dos astros cujo brilho é suficientemente alto para torná-los observáveis. A própria Via Láctea não pode mais ser admirada na maioria das nossas cidades. Poucas de nossas crianças tiveram a oportunidade de vê-la. Em resumo, e embora de maneira contraditória, o mesmo progresso que constrói equipamentos astronômicos mais poderosos, destrói a possibilidade de se enxergar mais longe.

Mas este tipo de progresso é realmente irreversível? Ou, de maneira mais objetiva, quanto custaria despoluir o céu? A resposta, por incrível que pareça, é: nada. Ao contrário das outras formas de resíduo, a eliminação das fontes de poluição luminosa é economicamente lucrativa. O clarão que vemos sobre uma cidade, à noite, é uma simples demonstração de desperdício. O motivo é que cerca de 30% da iluminação pública é desperdiçada, pois a luz é espalhada para todos os lados.

Muitas fotografias de satélite em órbita mostram como o brilho fulgurante das cidades é, literalmente, “mandado para o espaço”. Isso sem falar no grande desperdício que é manter iluminadas as fachadas de edifícios e os painéis publicitários durante as madrugadas, quando não há quase ninguém para vê-los. Do lado das soluções, no entanto, seria fácil empregar “chapéus” sobre lâmpadas como meio de restringir o cone de luz na direção do solo — a única solução que realmente importa.



Lição 10 – A noite começa a morrer

As grandes cidades de hoje refletem a brutal mudança na forma como o homem passou a encarar a noite. Atualmente, a vida noturna tem sido uma continuidade da vida diurna.

As luzes artificiais modernas quase substituem as luzes do dia. As pessoas vão às lojas, shoppings centers e outros points sociais sem nenhuma preocupação. A civilização atual criou muitos empregos e ofícios que funcionam perfeitamente na calada da noite como se fossem à luz do dia.

Luz noturna — a nova vilã

Em junho, a República Checa proibiu toda iluminação externa que não for realmente necessária. Os checos deram um passo à frente num assunto que está começando a frequentar as conversas dos ambientalistas: a poluição luminosa. Relegada a segundo plano durante décadas, só agora ela parece atrair a atenção de cientistas. Há poucas pesquisas a respeito, mas todas revelam efeitos nefastos do excesso de luz.

“Os luminosos de hotéis e outros estabelecimentos nas praias têm causado a morte de muitos filhotes de tartarugas do mar”, disse à revista americana *Science News* o biólogo Michael Salmon, da Universidade Atlântica da Flórida. Segundo ele, com a luminosidade, as tartarugas recém-nascidas se confundem e passam a caminhar sem rumo, em vez de ir para o oceano. Com isso, muitas amanhecem na areia e morrem torradas pelo sol, devoradas por predadores ou atropeladas nas estradas do Estado.

Menos grave que o caso das tartarugas, mas igualmente preocupante, é a situação de insetos, sobretudo mariposas. O avanço das áreas urbanas quase sempre significa seu desaparecimento. Segundo o pesquisador americano Kenneth Frank, da Universidade de Nebraska, a tão comum revoada em torno das lâmpadas é um fenômeno nada natural, que acaba matando parte delas pelo contato com os bulbos e parte pelo ataque de predadores. Estudos mostram que, enquanto circulam em torno da luz, as mariposas perdem sua habilidade de detectar a presença de morcegos e outros inimigos. Assim, tornam-se presas fáceis.

Mas, talvez, os fenômenos mais impressionantes sejam os que envolvem sapos e aves. Cientistas do Utica College, em Nova York,



Lição 10 – A noite começa a morrer

descobriram que alguns sapos ficam paralisados durante horas depois de atingidos por facho de luz. “Eles suspendem a alimentação e a reprodução, mesmo depois que a luz se foi”, diz a pesquisadora Sharon Wise. No caso das aves, uma experiência realizada pela Universidade de Clemson, na Carolina do Sul, sugeriu que algumas espécies perdem o senso de orientação em voos noturnos quando há luzes avermelhadas à vista – como em antenas de TV. Um forte indício disso está num levantamento feito por um grupo ambientalista usando o Newells shearwater – ave marinha prima do feiticeiro-do-mar, comum na costa brasileira. Nada menos que 10% da população morre em colisões com torres, antenas e prédios no Havaí. Pense nisso antes de acender a luz do quintal.





Questionário - Lição 10

- 1) Qual era a diferença de claridade entre uma vela antiga e uma lâmpada elétrica de 60 watts?
- (A) Uma vela antiga equivalia à luz de 100 lâmpadas de 60 watts
 - (B) Uma vela antiga equivalia à luz de 50 lâmpadas de 60 watts
 - (C) Uma vela antiga equivalia a um centésimo da luz de uma lâmpada de 60 watts
 - (D) Nenhuma das alternativas
- 2) Qual foi a luminária que fez a transição entre as velas e as lâmpadas elétricas?
- (A) As velas de cera
 - (B) O lampião a querosene
 - (C) As velas espermacete
 - (D) Nenhuma das alternativas
- 3) De acordo com o texto, qual era a porcentagem de incêndios em Nova York no ano de 1880?
- (A) Um em cinco
 - (B) Cinco em cinco
 - (C) Quase dois em cada cinco
 - (D) Nenhuma das alternativas
- 4) O que significam os nove números da escala de John Bortle?
- (A) O número 1 significa a noite mais poluída com luzes artificiais, e o número 9 a noite mais escura
 - (B) O número 1 significa a noite mais escura e o número 9 a mais poluída com luzes artificiais
 - (C) O número 9 significa dia e a sequência decrescente de números significam o desenvolvimento noturno até o 1, o ponto mais escuro da noite
 - (D) Nenhuma das alternativas



Questionário - Lição 10

- 5) Em que lugares do planeta ainda se pode achar uma legítima noite de nível 1?
- (A) Em São Paulo, Nova Zelândia e Nova York
 - (B) Em Madagascar, Porto Rico e Colômbia
 - (C) No Peru, na Cordilheira dos Andes, na Antártida
 - (D) Nenhuma das alternativas



1-C, 2-B, 3-C, 4-B, 5-C.



Lição 11 – Metáforas bíblicas para luz e trevas

Precisamos trabalhar enquanto é dia, para fazer as obras dAquele que Me enviou. Pois está chegando a noite, quando ninguém pode trabalhar.
— Jesus Cristo, citado no Evangelho de João, cap. 9, vers. 4.

Na lição nº 12, a próxima, você vai obter informações detalhadas dos primeiros versículos do Gênesis, mas antes disso é necessário você entender a força que dia e noite, luz e escuridão exerciam sobre os personagens bíblicos, tanto do Velho quanto do Novo Testamento. Com as lições e a longa jornada por dentro deste curso até aqui, já dá para ter uma noção bem aproximada do peso metafórico que trevas e luz exerciam sobre as pessoas antes da era pré-industrial, e isso economizará essas explicações básicas daqui para frente.

Para começar, precisamos saber que a luz é uma metáfora significativa na Escritura, e a palavra luz aparece cerca de 250 vezes do início ao fim da Bíblia. Isso pode parecer um relato direto das realidades físicas da luz e da escuridão, mas é muito mais do que isso. No mundo antigo, o mar e a escuridão eram sinônimos de deuses do caos e da morte.

Antes do livro de Gênesis ter sido escrito por Moisés, havia o Enuma Elish, o conto babilônico da criação do mundo, que era amplamente conhecido. Nesse mito, Tiamat era a deusa dos mares oceânicos caóticos. Esse épico mítico conta tudo sobre a conquista de Tiamat. Na imaginação antiga, a escuridão era entendida como um problema, por isso a criação da luz e a separação entre luz e trevas no Gênesis pretende estabelecer o domínio de Deus sobre os deuses da escuridão, da morte e do caos.

A proposta do texto bíblico nunca foi a de tentar provar a existência de Deus. Ele foi escrito em um tempo em que se acreditava em milhares de deuses. A Palavra diz acerca dessas entidades que “em vez de deuses, não passam de madeira e pedra, moldados por mãos humanas” (Isaías 37:19 – NVI). As Escrituras apresentam o caráter do único Deus verdadeiro, explicando quem Ele é, quais Seus atributos, Sua vontade, e como deve ser adorado. É um tipo de carta de apresentação.

Primeiro, Deus cria a luz como um antídoto contra a escuridão. A luz vem de Deus, pois Ele não cria a escuridão. Ela é simplesmente uma ausência. É como se a escuridão fosse aquilo que existe além de Deus. Assim, a escuridão é um problema que precisa ser contido. É daí que nasce o amplo conceito de luz e sombras, assim como bem e mal.



Lição 11 – Metáforas bíblicas para luz e trevas

A escuridão, é claro, não é uma coisa em si mesma. É somente a ausência de luz. Filósofos e teólogos dizem coisas semelhantes sobre o bem e o mal. O mal nada mais é do que a ausência do bem.

Vamos ler apenas três passagens do Antigo Testamento que se encaixam e desenvolvem essa metáfora de luz e sombra, bem e mal.

Salmos 89:15 — “Como é feliz o povo que aprendeu a aclamar-Te, Senhor, e que anda na luz da Tua presença!”

Isaías 5:20 — “Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas, do amargo doce, e do doce, amargo”.

Isaías 51:4 — “Escute-Me, Meu povo; ouça-Me, Minha nação: A Lei sairá de Mim; Minha justiça se tornará uma luz para as nações”.

Muitos livros que orientam os pais na educação de bebês recomendam que por volta de quatro meses, os pais comecem a adequar um horário padrão de alimentação e sono para o bebê, assim como um cronograma de luz e escuridão. Eles dizem que isso ajuda o bebê a ordenar seu mundo, produzindo uma sensação de segurança por causa dessa previsibilidade. Do mesmo modo que a previsibilidade de uma rotina ajuda os bebês a crescerem, a separação da noite e do dia permitiu que a vida florescesse na Terra.

Nosso grande problema hoje é que perdemos contato com o antigo mundo natural de nossos ancestrais. Empregos noturnos são tão comuns e essenciais para o mundo industrializado quanto os empregos diurnos o eram para o mundo anterior à Revolução Industrial. Simplesmente nossa civilização contemporânea não existiria sem um mundo noturno quase tão fervilhante quanto o mundo diurno. Essa ausência de referenciais do que é seguro e perigoso, do que é claro e escuro simplesmente perverte nossa compreensão de muitos textos bíblicos.

O caso de João 9:4

“Enquanto é dia, precisamos realizar a obra dAquele que Me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar.”



Lição 11 – Metáforas bíblicas para luz e trevas

Para o habitante da Judeia dos dias de Jesus, a rotina diária era bem cronometrada. A refeição matinal compreendia pão quente assado no borralho com frutas secas e vinho fresco ou feito de uvas-passas reidratadas com água. Ao nascer do Sol, o trabalhador saía, e retornava próximo ao anoitecer para a segunda e última refeição do dia. Geralmente os camponeses dos dias de Cristo não tinham mesa. Era um grande tapete ou uma tábua plana, ou uma laje de pedra.

Durante o inverno, na refeição noturna, a mesa era iluminada por uma lâmpada pequena e achatada de terracota, abastecida com óleo de oliva. Sobre a mesa ficava um pequeno móvel em formato de caixa, conhecido na Bíblia como “velador” (Mateus 5:15). Feita de cerâmica, essa lâmpada queimava azeite, um combustível mais acessível e comum do que a cera (ver maiores detalhes sobre iluminação na lição 9). Agora, as pessoas comuns tinham uma ferramenta à disposição para ajudá-las a afastar as trevas.

No entanto, mesmo com a invenção da lâmpada de Herodes, acima mencionada, sair à noite era quase impensável. Muito poucas atividades humanas funcionavam à noite. As mais conhecidas eram os vigias noturnos sobre os muros da cidade e os pastores.

Quanto aos guardas que faziam a vigília dos muros, Davi foi muito claro em usar o ofício deles nos seus Salmos. “A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã; sim, mais do que aqueles que esperam pela manhã” (Salmos 130:6). Os serviços noturnos eram muito penosos naquela época. Um vigia de muros seguramente enfrentava períodos de muito cansaço e sono durante a madrugada, especialmente nas longas e frias noites de inverno. Davi, sabedor dessa angústia, comparou-a aos seus próprios anseios pela presença de Deus, tão desejada por ele como a chegada da manhã para os cansados e sonolentos guardas que estavam sobre os muros da cidade.

Já o serviço dos pastores foi bem documentado, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo. Jacó sofreu muito nas mãos de seu tio Labão, trabalhando de sol a sol, e muitas vezes à noite. Ao desabafar suas mágoas ao ouvido do tio e sogro, Jacó achou importante destacar o sofrimento que passou com os rebanhos: “Durante os vinte anos que trabalhei para o senhor, as suas ovelhas e as suas cabras nunca tiveram abortos, e eu não comi um só carneiro do seu rebanho. Nunca lhe trouxe os animais que as feras mataram, mas eu mesmo pagava o prejuízo.



Lição 11 – Metáforas bíblicas para luz e trevas

“O senhor me cobrava qualquer animal que fosse roubado de dia ou de noite. A minha vida era assim: de dia o calor me castigava, e de noite eu morria de frio. E quantas noites eu passei sem dormir!” (Gênesis 31:38-40).

Jesus deixou bem claro que os piores perigos que um pastor poderia enfrentar para resgatar sua ovelha se encontravam ocultos sob o manto da noite. Baseado nesses perigos, Ele contou a parábola da ovelha perdida. Dessa vez, Cristo não lembrou aos Seus ouvintes as palavras da Escritura. Muniu-Se de incidentes de sua própria experiência.

Os planaltos que se estendem ao longe, ao oriente do Jordão, produzem abundantes pastagens para os rebanhos, e pelos desfiladeiros e colinas arborizadas, muitas ovelhas se extraviavam, para serem resgatadas pelo cuidado do pastor. Entre a multidão que rodeava a Jesus, havia pastores e homens que investiam dinheiro em rebanhos e gado; e todos entendiam muito bem a força de sua ilustração.

O pastor que descobre a falta de uma ovelha, não olha com indiferença para o rebanho que está seguro no curral, dizendo: “Tenho noventa e nove, e seria muita perturbação enfrentar o perigo por causa da desgarrada. Ela que volte; alegremente abrirei para ela a porta do redil e a deixarei entrar”. Não; logo que a ovelha se afasta, o pastor se enche de angústias e apreensões. Conta e reconta o rebanho. Quando está certo de que realmente uma ovelha se perdeu, não cochila. Deixa as noventa e nove no redil e sai em busca da perdida. Quanto mais escura e tempestuosa a noite, quanto mais perigoso o caminho, tanto maiores são a agonia do pastor e sua desesperada busca. Faz todos os esforços possíveis para encontrar a ovelha perdida.

Com que alívio ouve à distância o primeiro fraco balido! Seguindo o som, sobe às mais íngremes alturas, chega, com o perigo da própria vida, até à borda do precipício. Assim procura, enquanto o balido mais e mais fraco indica que a ovelha está prestes a morrer. Por fim, seu esforço é recompensado; achou a perdida.

Sempre que os juízos de Deus eram anunciados sobre a Terra, eram comparados às trevas e à escuridão. A praga egípcia da escuridão foi inesquecível: “Então, disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão para o céu, e virão trevas sobre a terra do Egito, trevas que se apalpem” (Êxodo 10:21).



Lição 11 – Metáforas bíblicas para luz e trevas

O profeta Amós comparou o dia da vingança do Senhor como um dia da mais completa escuridão, tão aterrador quanto os perigos mais impensáveis: “Ai de vocês que anseiam pelo dia do Senhor! O que pensam vocês do dia do Senhor? Será dia de trevas, não de luz. Será como se um homem fugisse de um leão e encontrasse um urso; como alguém que entrasse em sua casa e, encostando a mão na parede, fosse picado por uma serpente. O dia do Senhor será [...] escuridão total, sem um raio de claridade” (Amós 5:18-20). O salmista conhecia bem os perigos da noite (Salmos 91:5 e 6) ao alertar sobre (1) “os terrores da noite” (2) e “a peste que se alastra na escuridão”.

A noite também trazia suas “vigílias”, ou períodos de despertar e perda do sono. Principalmente no inverno, quando as famílias se retiravam cedo para dormir, o sono não ocorria em uma fase única de seis ou oito horas como hoje. Havia o primeiro sono ou “sono pesado”, que durava até próximo à meia-noite, e havia um intervalo de uma ou duas horas, quando as pessoas separavam tempo para devoção, para pequenos trabalhos domésticos, ou mesmo para relações íntimas.

O salmista declarou que meditaria em Deus “nas vigílias da noite” (Salmos 63:6). Para Moisés, o tempo, na visão de Deus, passava tão rápido que mil anos se pareciam como a passagem da “vigília da noite” (Salmos 90:4). Outro salmista afirmou ficar “acordado nas vigílias da noite para meditar nas Tuas promessas” (Salmos 119:148). A exortação de Jeremias é: “Levanta-te à noite; grita ao início de cada vigília; que se derrame teu coração ante a face do Senhor” (Lamentações 2:19).

Já a bênção do justo era sempre vinculada ao alvorecer, à chegada do dia. As comparações são muito claras para serem ignoradas. Bênçãos estão unidas à luz, e maldições às trevas. “A vereda do justo é como a luz da alvorada, que brilha cada vez mais até à plena claridade do dia. Mas o caminho dos ímpios é como densas trevas; nem sequer sabem em que tropeçam” (Provérbios 4:18 e 19).



Questionário - Lição 11

1) De acordo com João 9:4, por que precisamos trabalhar de dia?

- (A) Porque ninguém trabalha de dia
- (B) Porque está chegando a noite, quando ninguém pode trabalhar
- (C) Porque todos trabalhavam à noite
- (D) Nenhuma das alternativas

2) De onde veio e de que se tratava o livro Enuma Elish?

- (A) Era o conto babilônico da criação do mundo, amplamente conhecido na época. Nesse mito, Tiamat era a deusa dos mares oceânicos caóticos.
- (B) Era o conto muçulmano da criação do mundo, amplamente conhecido. Nesse mito, Tiamat era a deusa dos mares oceânicos caóticos.
- (C) Era o conto cananeu da criação do mundo, amplamente conhecido. Nesse mito, Tiamat era a deusa dos mares oceânicos caóticos.
- (D) Nenhuma das alternativas

3) Por que a proposta do texto bíblico nunca foi a de tentar provar a existência de Deus?

- (A) Porque ninguém acreditava em Deus mesmo
- (B) Porque ele foi escrito em um tempo em que se acreditava em milhares de deuses. É um tipo de carta de apresentação
- (C) Porque todos creem em Deus, por isso tentar provar a existência é totalmente desnecessário
- (D) Nenhuma das alternativas

4) De acordo com Jesus, quando os piores perigos que um pastor poderia enfrentar estavam à solta?

- (A) Pela manhã cedo
- (B) Ao meio-dia
- (C) À noite
- (D) Nenhuma das alternativas?



Questionário - Lição 11

5) Sempre que os juízos de Deus eram anunciados sobre a Terra, a Bíblia os comparava ao quê?

- (A) À suprema luz
- (B) Às faíscas
- (C) À escuridão
- (D) Nenhuma das alternativas



1-B, 2-A, 3-B, 4-C, 5-C.



Lição 12 – Haja luz!

Então Deus disse: Que haja luz! E a luz começou a existir. Deus viu que a luz era boa e a separou da escuridão. Deus pôs na luz o nome de “dia” e na escuridão pôs o nome de “noite”. — Gênesis 1:3-5 (Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

As primeiras palavras de Deus na criação do mundo foram: “Que haja luz”. Não podemos compreender suficientemente a importância dessas palavras. Há uma rica intenção teológica na abertura das Escrituras com foco na escuridão e na luz. Quando Deus formou primeiro os Céus e a Terra, Moisés nos diz que “a Terra estava sem forma e vazia, e havia escuridão sobre a face do abismo”. Foi naquele universo de trevas que Deus disse as primeiras palavras: “Que haja luz!” A existência de Gênesis 1:3-5 não é para você tentar entender cientificamente como poderia ter havido luz sem corpos celestes, mas para compreender o raciocínio teológico do surgimento da luz no mundo.

Primeiro, Deus criou luz para que o homem pudesse ver as glórias de Sua obra na criação. Em segundo lugar, Deus criou luz sem um Sol visível para que o homem entenda que todas as coisas devem sua vida e preservação a Deus além dos meios aos quais somos tentados a atribuir poder e sustento. Terceiro (e mais importante para nossas considerações aqui), devemos entender que Deus nos diz algo sobre o trabalho redentor que ocorrerá após a queda do homem.

Houve tarde e manhã

Nossa jornada diária começa no início do dia. Talvez você entenda esse momento como sendo a primeira hora da manhã, quando se levanta para encarar seu trabalho. Mas é claro que esse não é o início do dia. Porque, se quisermos ter uma visão séria da Bíblia sobre nossas vidas, então a forma como pensamos a respeito do dia está completamente errada. Embora pareça ser a coisa mais natural imaginarmos o dia a partir do amanhecer, é bom deixar a Bíblia desconstruir até mesmo nossas ideias mais básicas sobre como a realidade deveria funcionar. O dia bíblico, desde o Gênesis, começa ao pôr do sol, exatamente no momento em que entendemos ser o início da noite anterior.

O povo judeu, assim como os adventistas do sétimo dia, preservam essa estrutura e comemoram a chegada do sábado ao pôr do sol de sexta-feira, à medida que o sol se põe, dando boas-vindas ao dia de descanso de tal forma que o fim de semana é mais longo (o que parece uma ideia maravilhosa!).



Lição 12 – Haja luz!

Esse tipo de tradição manteve a verdade de que o início do dia não é à meia-noite — uma concepção pagã do dia que vai de uma meia-noite à outra. O capítulo 1 de Gênesis nos mostra que o dia começa ao princípio da noite e se move no sentido da escuridão para a luz. Mesmo que isso pareça um detalhe cultural sem maiores consequências, o significado que atribuímos ao dia realmente nos leva ao coração do evangelho!

Nosso dia pagão se move da meia-noite para a meia-noite — enquadrando o mundo e toda a nossa vida em um ciclo que se desloca da escuridão para a escuridão. No entanto, o dia bíblico também começa com a escuridão, mas se move em direção à luz, colocando-nos bem no centro da vitória da luz sobre a escuridão.

Deste modo, à medida que cada dia passa, o céu e os corpos celestes interpretam a história do evangelho para nós. É um reflexo sutil, mas significativo, da maneira como entendemos a realidade, e fala do que acreditamos ser a verdade suprema sobre nós e o mundo. Onde vivemos? Em um mundo de escuridão e caos escuro, ou em um mundo que promete esperança e vida em Jesus Cristo, a Luz do mundo? Faríamos muito bem em resgatar a verdadeira ordem do dia, e começarmos a pensar sobre isso sob a mesma lógica da Bíblia.

Abrir uma caixa separada com o título: Você sabia? E colocar o conteúdo abaixo:

A divisão do dia de meia-noite a meia-noite é muito antiga, e se perde nos registros imemoriais do Império Romano. Para nós, que acompanhamos as horas até o menor milissegundo usando nossos relógios modernos, temos a ideia de que o tempo é constante e fixo. Nós até conseguimos usar vibrações atômicas de césio para tornar nossos relógios perfeitamente exatos. Os romanos, assim como os hebreus, percebiam o tempo de forma muito diferente.

Nós herdamos dos romanos a ideia de que há 24 horas em um dia. Eles sempre insistiram que a parte clara do dia é composta de 12 horas, assim como a noite, em qualquer época e em qualquer estação do ano. Isso significava que, à medida que as noites e dias encurtavam ou alongavam no decorrer das estações do ano, as horas da noite e do dia eram maiores ou menores, com horas mais curtas no inverno e mais longas no verão. Uma hora durava apenas 45 minutos no meio do inverno, mas cerca de 75 minutos no meio do verão. Fim da caixa de curiosidade.



Lição 12 – Haja luz!

Com isso em mente, devemos começar nosso pensamento sobre o dia com a escuridão da noite. Isso não é mórbido; é simplesmente olhar para a realidade do mesmo ponto de vista que a Bíblia nos ensina. O mundo começa com a escuridão em Gênesis 1:2 e se move rumo à luz. A história da redenção prevê um resgate do reino das trevas para o reino da luz. Considere que é exatamente isso que a noite tem para nos ensinar. O formato da história humana é uma jornada da escuridão do pecado e do mal para a luz do eterno descanso do Deus vivo.

Por isso, a noite serve para nos ensinar sobre tudo o que é escuro. Existe uma razão pela qual os filmes de terror são ambientados em noites tempestuosas, em casas velhas e escuras. Isso explica por que as crianças têm medo do escuro e por que parece que nossos sentidos se aguçam assim que as luzes se apagam. Há algo sobre a noite que arranca de nós uma sensação estranha sobre tudo o que tememos. Os Salmos associam a noite à tristeza e choro (Salmo 30:5) e terror (Salmo 91:5), até mesmo expressando medo pela influência da Lua (Salmo 121:6).

O reformador Martinho Lutero escreveu sobre “a noite escura da alma”, descrevendo um momento de intensa luta espiritual e solidão, capturando bem o isolamento que tais experiências podem trazer. A escuridão da noite também é uma cobertura para o pecado e o mal (Jó 24:14), o tempo em que as pessoas podem se ocultar das vistas, fazendo tudo o que pretendem esconder dos outros. O apóstolo Pedro comenta com alguma surpresa que alguns falsos mestres são tão ousados que pecam abertamente à luz do dia (2 Pedro 2:13), quando normalmente deveriam se aproveitar da noite. O tempo noturno torna mais fácil esconder nossos segredos.

Deus está operando desde tempos imemoriais no desenvolvimento progressivo da luz. Recordamos que, na criação, a luz veio progressivamente. Não era o Sol que brilhava no esplendor do meio-dia; mas a luz chegou, começou a crescer e se desenvolver. É significativo que, a cada período do trabalho criativo de Deus, lemos: “E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro”; “e foi a tarde e a manhã, o dia segundo”, e assim sucessivamente.

Por que “tarde e manhã”? Não é a forma de o homem trabalhar e viver; ele trabalha da manhã para a tarde. Não é suficiente afirmar que é uma divisão judaica do tempo. Esse era o padrão da criação divina. E se isso é verdade na criação natural, é abençoadamente verdadeiro na



Lição 12 – Haja luz!

criação espiritual. Quando Deus brilha em nossos corações com iluminação espiritual, é a alvorada em nossas almas; vemos, mas apenas vagamente.

Enquanto a noite cobria o mundo, não havia nada na Terra, a não ser desolação e morte. Mas quando a luz veio, as coisas começaram a acontecer; não só as nuvens se levantaram, mas a escuridão foi dissipada, o dia amanheceu, as montanhas de neve e gelo derreteram, a vida veio com a luz. A grama começou a crescer no campo, as árvores na floresta, os peixes foram colocados no oceano, pássaros no ar, feras no campo e eventualmente o homem veio. Mas a luz era o pré-requisito da vida e o prenúncio de todas as bênçãos que Deus deveria dar ao mundo.¹

Referências bibliográficas

1 FINLAISON, R. A. A cruz na experiência de nosso Senhor [sem tradução para o português].



Questionário - Lição 12

1) De acordo com a Bíblia, quando é o início do dia?

- (A) Ao nascer do sol
- (B) À meia-noite
- (C) Ao pôr do sol
- (D) Nenhuma das alternativas

2) Ao admitir que o dia começa ao pôr do sol, qual é o sentido da sua evolução?

- (A) Da escuridão para a escuridão
- (B) Da luz para a escuridão
- (C) Da escuridão para a luz
- (D) Nenhuma das alternativas



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

Compra a verdade, e não a vendas; e também a sabedoria, a instrução e o entendimento (Provérbios 23:23)

Querido aluno, você fez uma grande jornada até aqui; 12 lições ficaram para trás, e na lição anterior você acompanhou a aplicação de toda a estrutura cultural que envolve a noite, ligando-a à estrutura espiritual, do ponto de vista bíblico.

A luz verdadeira

Uma série interessante de referências bíblicas sobre a luz e as trevas surge no evangelho de João. Nos primeiros 14 versículos do capítulo 1, o apóstolo conduz seus leitores à preexistência de Cristo, desde a criação do mundo pelo Filho de Deus até a encarnação de Jesus. O evangelista declara que “todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (vers. 3) e “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (vers. 14).

João 1:6-9 — “NEle estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João [Batista]. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo”.

Quando chegamos ao capítulo 3, o apóstolo volta a utilizar a metáfora da luz e da escuridão. Depois de nos dizer que Nicodemos se dirigiu a Jesus durante as trevas da noite, ele escreve:

João 3:19-21 — “E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus”.

No capítulo 8, Jesus declarou expressamente o que já tinha sido ensinado nos capítulos 1 e 3, quando disse:



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

“Eu Sou a Luz do mundo. Aquele que Me segue não andar^á em trevas, mas ter^á a luz da vida” (João 8:12).

No capítulo 11, Jesus compara a Si mesmo a metáfora da luz do dia, como a principal fonte de verdade e conhecimento para a salvação: “Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque nela não há luz” (João 11:9 e 10).

Luz, no contexto bíblico, nada mais é do que conhecimento espiritual. O próprio Jesus afirmou:

João 7:17 — “Se alguém quiser fazer a vontade dEle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se Eu falo de Mim mesmo”.

Em resumo, a luz não é neutra em si mesma, pois as cores só existem pelo reflexo característico de cada tipo de substância. Dependendo da superfície e constituição atômica, cada matéria absorve certos comprimentos de onda e refletem outros. Por isso o pôr do sol e o nascer do sol sempre têm tonalidades alaranjadas e avermelhadas, pois a atmosfera absorve o tom azul da luz e reflete o vermelho e o magenta. Pela mesma razão há flores de várias cores. O mundo é colorido por causa da interação de cada tipo de matéria com a luz.

No mundo espiritual, a lógica é a mesma. Conhecer Jesus é ter acesso à luz máxima. Seguem-se a isso os resultados secundários de conhecê-lo. Há aspectos e consequências importantes vinculadas à descoberta e exploração da luz de Cristo. Desse modo, o conselho do sábio Salomão, de comprar a verdade e não vendê-la por preço nenhum começa a fazer mais sentido. Os efeitos da luz celestial nada mais são do que as mudanças de vida operadas pelos conceitos doutrinários — as consequências e abrangências de se conhecer a verdadeira luz que vem do Céu.

Nosso objetivo com esta lição não é expandir todas as doutrinas envolvidas no ato de conhecer Jesus, pois isso exigiria um espaço enorme neste trabalho. No entanto, gostaríamos de despertar curiosidades para suas pesquisas futuras.



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

A luz da Lua e a do Sol

Um dos livros mais extraordinários da Bíblia é o Apocalipse. Nele, temos a revelação plena dos ideais proféticos e os planos de Deus para a futura Terra renovada. Muito mais do que isso, nele são reveladas muitas simbologias dos textos bíblicos do Antigo Testamento.

“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça” (Apocalipse 12:1).

Essa representação específica ocorre em vários lugares da Bíblia. A figura feminina é usada para representar a igreja em suas várias fases:

(a) Uma mulher pura: representa o verdadeiro povo de Deus, que ensina uma doutrina pura e completa (ver 2 Coríntios 11:2).

(b) Uma mulher idólatra e perversa: representa um povo apostatado, do qual o Espírito de Deus Se retirou e que prega uma doutrina que não foi ensinada pelo próprio Cristo (ver Ezequiel 23:1-4; Apocalipse 17:1-6).

Assim como a verdadeira luz vem do Senhor, há também uma só doutrina pura e verdadeira que conduz os pecadores a Cristo (ver Efésios 4:5). Em meio à atual “galáxia de religiões”, há sinceros de coração, que servem diariamente a Deus nas inúmeras igrejas. Entretanto, Ele propõe a todos que estudem mais a Palavra e se unam à luz total do Seu conhecimento, expresso pelo Seu verdadeiro povo na Terra (João 10:16). Segundo Suas palavras, a igreja de Jesus nunca foi a mais popular, nem a mais numerosa entre as igrejas (ver Lucas 12:32), exatamente pelo fato de portar a luz, que é rejeitada pelos que andam em trevas e as amam (ver João 3:19).

Como vimos, a mulher pura representa a verdadeira igreja. O Sol representa Jesus (ver Salmos 84:11). A Lua é um satélite da Terra que reflete fracamente a luz solar nas trevas da noite. Significa o sistema de sacrifícios de animais que foi implantado no Antigo Testamento. Aquele sistema de sacrifícios apontava para a obra redentora de Jesus Cristo (ver Hebreus 9:11, 12, 23 e 24).



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

Logo após terem pecado, a Bíblia descreve que “o Senhor Deus fez roupas de pele, e com elas vestiu Adão e sua mulher” (Gênesis 3:21). Portanto, uma pergunta fica em aberto: Se no Éden não havia morte humana nem de animais, de onde surgiram as peles que serviram de matéria-prima para a primeira roupa artificial da história? Na primeira morte sacrificial de um cordeiro, o evangelho começou a ser pregado aos nossos primeiros pais.

“Para Adão, [a morte do primeiro animal] foi uma cerimônia dolorosíssima. Sua mão tirou a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se ele tivesse sido obediente a Deus, não teria havido morte de homem ou animal. Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensamento de que seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Essa cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida do tamanho de seu pecado, que coisa nenhuma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia limpar. E admirou-se da bondade infinita, que estava disposta a tal sacrifício para salvar o culpado. Uma estrela de esperança iluminou o futuro tenebroso e terrível, e o aliviou de sua desolação total.”

A respeito da morte do primeiro cordeiro, o apóstolo João, no Apocalipse, afirma que Jesus, o Cordeiro de Deus, foi “morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). Era um símbolo que apontava à futura morte do Filho de Deus.

Milhares de anos depois, quando Moisés foi instruído a construir um tabernáculo — uma tenda — no deserto, que serviria de lugar para adoração a Deus, a instrução do Senhor foi:

“Faça o tabernáculo de acordo com o modelo que lhe foi mostrado no monte” (Êxodo 26:30).

Esse sistema de sacrifícios instituído no Éden pelo Senhor, foi quase totalmente perdido de vista durante a escravidão dos filhos de Israel no Egito. Ao retornarem a Canaã, Moisés, por direção divina, apresentou a eles um sistema mais elaborado, descrito nas Escrituras como o “santuário e seus serviços”. Cada detalhe da construção desse santuário, de cada equipamento e serviço devia ser planejado e executado em harmonia com o modelo celestial apresentado a Moisés no Monte Sinai. Cada forma e cerimônia desse serviço tinha uma significação, e foram



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

destinadas para proporcionar ao adorador uma compreensão mais clara do grande sistema de reconciliação.

“No santuário, a cruz de Cristo é o grande centro de todo o plano da redenção humana. Ao redor da cruz encontra-se cada verdade bíblica. Dela irradia luz do começo ao fim da história humana. Mas não termina aqui. Penetra o grande além e concede ao filho da fé um vislumbre das glórias do futuro e da eternidade. Sim, muito mais do que isso é cumprido pela cruz. O amor de Deus é manifesto ao Universo todo.

O príncipe deste mundo (Satanás) é expulso. As acusações que ele levantou contra Deus são desmascaradas, e a vergonha que ele lançou contra o Céu é para sempre removida. A justiça e a eternidade da Lei de Deus são garantidas, e anjos e homens são atraídos ao Redentor. A cruz de Cristo se torna o estudo e o cântico do Universo.”

A igreja é circundada de luz. Tendo uma roupa de Sol e a Lua debaixo dos pés, ela nunca esteve em trevas. Os perigos mais extremos da noite, decorrentes da falta de visão, nunca puderam atingi-la. Devido a isso, sua experiência é continuamente crescente.

Querido aluno, no final desse curso gostaríamos de deixar um apelo especial. Temos certeza de que sua compreensão e visão acerca dos simbolismos bíblicos de luz e trevas devem ter mudado. Temos certeza de que você viajou por mundos desconhecidos, tão comuns aos nossos ancestrais em um passado distante. Por outro lado, temos certeza de que este curso impactou mais profundamente sua vida.

Gostaríamos que você não parasse por aqui. Esse foi apenas o “começo da luz da aurora” (Provérbios 4:18), mas precisa brilhar mais e mais até ser dia perfeito. Gostaríamos de convidá-lo a se entregar às mãos do Senhor da Luz. A luz era tão importante para os primeiros cristãos que Deus garantiu, no livro do Apocalipse, que a santa cidade da Nova Terra “não precisa de Sol nem de Lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua luz.

“As nações andarão em sua luz, e os reis da Terra lhe trarão a sua glória. Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite” (Apocalipse 21:23-25). O Senhor Jesus também deseja muito que não exista mais noite em sua alma.



Lição 13 – Compra a verdade, e não a vendas!

Por isso, insistimos que conheça nosso curso “Verdades que o tempo não apaga”, disponível neste portal. Outros cursos importantes que orientarão você no caminho da luz são os três da série “Passos para a vida”, disponíveis também neste portal. Em todos eles você encontrará a luz que falta para que o dia da verdade nasça em seu coração.

Porém, antes de ir em busca dos cursos, por favor, faça um pacto com Jesus. Ele o convida a fazer esse concerto, pedindo “que busque o Meu refúgio e faça paz comigo; sim, que faça paz comigo” (Isaías 27:5). Deixe a luz do dia raiar em sua alma!





Questionário - Lição 13

1) De acordo com o texto da última lição, a luz é uma metáfora para _____, enquanto a escuridão significa _____. Escolha a opção que aponta corretamente as metáforas.

- (A) Amor e verdade divina; mal, diabo e trevas espirituais
- (B) Amor e malignidade; bondade e reino das trevas
- (C) Amor e compaixão; anarquia e misericórdia
- (D) Nenhuma das alternativas

2) De acordo com o texto, por que existem as cores?

- (A) O mundo é colorido por causa da interação de cada tipo de matéria com a luz.
- (B) O mundo é colorido por causa da vibração atômica de cada tipo de matéria.
- (C) O mundo é colorido devido a uma substância produzida pelos átomos de cada tipo de matéria.
- (D) Nenhuma das alternativas.

3) De acordo com a Bíblia, qual é o significado de uma mulher pura?

- (A) Uma igreja corrupta
- (B) Representa o verdadeiro povo de Deus, que ensina uma doutrina pura e completa
- (C) Uma mulher devassa
- (D) Nenhuma das alternativas

4) De acordo com a Bíblia, o que significa uma mulher idólatra e pervertida?

- (A) Um povo apostatado, do qual o Espírito de Deus Se retirou e que prega uma doutrina que não foi ensinada pelo próprio Cristo
- (B) Uma igreja perfeita e imaculada
- (C) Representa o verdadeiro povo de Deus, que ensina uma doutrina pura e completa
- (D) Nenhuma das alternativas



Questionário - Lição 13

5) De acordo com Apocalipse 12:1, o que significam a roupa de sol que veste a mulher, e a Lua debaixo de seus pés

(A) O Sol representa a destruição da Terra e a Lua a sua noite do milênio

(B) O Sol representa a luz satânica e a Lua a Nova Jerusalém

(C) O Sol representa Cristo e a Lua representa o sistema de sacrifícios de animais que foi implantado no Antigo Testamento

(D) Nenhuma das alternativas



1-A, 2-A, 3-B, 4-A, 5-C